

4 MANOEL IGNÁCIO DE MENDONÇA FILHO (20.03.1895 - 06.11.1964)

O mais velho de quatro irmãos, Mendonça Filho nasceu em Salvador. Sua infância foi no bairro de Santo Antônio, “bairro famoso pelas moças bonitas as quais Mendonça Filho foi sempre grande admirador” (CALDERON, 1974, p. 1).

Segundo informações contidas no atestado de óbito de seu pai, seus avós eram Manoel Ignácio de Mendonça e Maria Cândida São José de Mendonça, seus pais, Manoel Ignácio de Mendonça e Ana Carolina Mendonça, negociantes portugueses provenientes dos Açores.

Cursou o primário no Colégio Professor Cândido José Abade, no bairro do Barbalho, e o seu secundário no Colégio Spencer, no bairro de Nazaré, sendo aluno dos professores: João Ferreira Caldas, Viegas, Odilno, Gustavo de Andrade, Belmiro, Ponciano e Guilherme Rabelo (CALDERON, 1974, p. 1).

O próprio Mendonça, segundo Calderon (1974), relatou isto: “[...] quando comecei a engatinhar e consegui bater o primeiro toco de lápis, comecei a garatujar e muito mural primitivo deixei nas paredes da casa paterna: as palmadas recebidas não interromperam a mania. Continuei”.

Com quase vinte anos, Mendonça Filho resolveu estudar na Escola de Belas Artes. Nessa época, o ensino da Escola de Belas Artes ainda mantinha a distribuição de cadeiras, ou disciplinas, estabelecidas pela Congregação, desde 1894. Nesta ocasião, foi apresentada a lista de cadeiras “que tinham de formar” o curso da Academia, seguindo a reforma que a Escola estava passando. Segundo esta Ata, a distribuição das cadeiras ficou conforme ilustradas no Quadro 1:

Cadeiras	Professores
Aritmética, Álgebra, Geometria, Noções das ciências físicas e naturais.	Eduardo Dotto.
História das artes, Arqueologia e etc.	Braz Hermenegildo do Amaral.
História das Belas Artes incluindo Arquitetura e Estética	Amaro de Lellis Piedade.
Desenho Linear prático, Geometria Descritiva, Especialmente aplicada a sombra, Cortes e Perspectivas e Elementos da Arquitetura	Agripiniano de Barros.
Desenho Figurado, Traços simples e Ornamentação de elementos, Folhagens.	Maria Constança Lopes Rodrigues.
Cópia de gesso, dos sólidos até sombras, Ornamentação e Folhagens.	Etelvina Soares.
Figura de gesso e Natureza morta	Professor Oséas dos Santos.
Desenho de Modelo vivo, Estudo dos Costumes e Escultura de ornatos, Fragmentos, Estatuária...	Obs: Maurice Grün assumiria a cadeira anos depois.
Elementos de máquinas e máquinas simples, trigonometria, topografia e nivelamento (Prática de campo).	Antônio Lopes Rodrigues.
Arquitetura civil e decorativa	José Allione

Quadro 2: Distribuição das Cadeiras do Curso de Belas Artes.

Fonte: AHEBA/UFBA. Ata da Congregação. 21.11.1894, p.156 – 158.

Ingressa na Escola de Belas Artes em 20.11.1915 na 1ª série. Em 29.12.1916, inicia a 2ª série e em 19.12.1917, a 3ª série. Com 22 anos realizava sua primeira exposição, mostrando ao público o resultado de sua dedicação. Foi uma mostra de caricaturas (Ver Anexo A) realizada no Cinema Ideal¹, na Rua Chile, Salvador, Bahia.²

Com Mendonça Filho, há desde o início certo caráter inovador em sua produção. Notem que, no final de 1917, ao terminar o curso básico da EBA, o artista realizou uma exposição de caricaturas. Temos que lembrar que apenas um ano antes havia acontecido o Primeiro Salão dos Humoristas, no Rio de Janeiro (ZANINI, 1983, p.447) mostrando o quanto o pensamento do artista estava em conformidade com o que acontecia no local.

¹ Segundo Leal (1997, p. 117), o Cine Ideal foi inaugurado em 22 de janeiro de 1913, ao lado direito de quem sobe a ladeira de São Bento, onde funcionou o hotel Universo. A casa foi demolida para ser construído o Edifício Sulacap. O Cine Ideal pertencia a João Gaudêncio de Lima e foi fechado definitivamente em 1922.

² Diário de Notícias (19.12.1917, p.02).

A caricatura já possuía uma tradição no Brasil desde meados do XIX com Henrique Fleiuss e posteriormente com Ângelo Agostine e Rafael Bordalho, esse último muito atuante dentro do Império, utilizando as caricaturas como ferramenta para a crítica (ZANINI, 1983, p. 447).

Já no início do século XX, a caricatura foi utilizada muito para produção de capas de livros. Uma produção vinculada ao Sintetismo³. O Pernambucano Crispim do Amaral contribuiu muito ao fundar a revista “A Avenida”, mantendo viva a caricatura no Brasil (ZANINI, 1983, p. 448).

Contemporâneos a Mendonça havia ainda Némino Dutra (1874 – 1953) e J. Carlos (1884 – 1950), muito atuantes entre 1916 e 1922, período em que Mendonça segue para a Europa. Somente este fato já comprovaria que Salvador não era uma ilha, longe de toda a sorte e informações artísticas.



Figura 501: Cine Ideal – Ladeira de São Bento – Década de 1910.
Fonte: HABERT, 2002.

Segundo os arquivos históricos da Escola de Belas Artes, Mendonça cursou as seguintes disciplinas:

³ Movimento variante do Simbolismo.

Curso Geral – 1ª Série		
Desenho de Estampas		Aprovado em 1º lugar
Português		Aprovado plenamente
Desenho Geométrico		
Aguadas		
Curso Geral - 2ª Série		
Desenho de Sólidos, Ornatos e Princípios de figura (conforme o gesso)		Aprovado em 1º lugar
Desenho Geométrico e Projeções (aplicação simples)		Aprovado em 1º lugar
História das Belas Artes e Mitologia		Aprovado plenamente
Matemática elementar (Álgebra e Geometria no Espaço)		Aprovado plenamente
Curso Geral – 3ª Série		
Desenho de estátuas (cópia de gesso)		Aprovado em 1º lugar
Escultura de ornatos		Aprovado em 2º lugar
Curso Superior de pintura		
Ingressou em Nov. de 1918	Desenho de Modelo Vivo	Aprovado em 1º lugar
Ingressou em Nov. 1919	Anatomia e Fisiologia Artística	Aprovado em 1º lugar
Ingressou em Nov. 1920	Desenho de Modelo Vivo	Aprovado em 1º lugar
Ingressou em Nov. 1921	Desenho de Modelo vivo	Aprovado em 1º lugar

Quadro 3: Disciplinas cursadas por Mendonça.

Fonte: AHEBA/UFBA. Envelope 287.

Em novembro de 1918, após ter completado o curso básico, Mendonça Filho ingressou no Curso Superior de Pintura, concluindo-o em outubro de 1921⁴.

O ano de 1918 foi também de perdas para as artes baianas. Em 08 de fevereiro de 1918 um dos nomes mais importantes da arte baiana, Manoel Lopes Rodrigues, falecera. Com sua morte, em auxílio à família, foi realizada uma grande exposição onde a Bahia teve a oportunidade de vislumbrar vários trabalhos de sua autoria, segundo jornal da época⁵. Nesta exposição, montada por amigos e parentes no recém-construído Palacete Souza Sobrinho nº. 28, foram apresentadas 83 telas, muitas premiadas em Salões de Paris e no Rio de Janeiro, pertencentes à viúva do artista, a fim de formar patrimônio para os seus cinco filhos. Nessa exposição, havia poucas paisagens e, pelo menos, uma marinha intitulada “Represa de água Nalestrou” (nº. 34 do catálogo). A exposição encerrou no dia 17 de março de 1918⁶.

⁴ Arquivo Histórico da Escola de Belas Artes da UFBA. Classificador 287 – Pasta do Professor Mendonça Filho – Histórico assinado pelo próprio Mendonça.

⁵ Diário de Notícias (07.03.1918, p. 01).

⁶ Diário de Notícias (16.03.1918, p.03).

A amizade com o mestre Pasquali de Chirico era muito valorizada por Mendonça. A família ainda possui o modelo de gesso original realizado por Pasquali para o Palácio dos Esportes da Praça Castro Alves e presenteado ao artista. Após cursar os três anos do curso Superior de Pintura, influenciado por este amigo, resolveu participar da seleção ao Prêmio Caminhoá⁷.

Em 30 de agosto de 1921, Oséas dos Santos sugeriu que fosse aberto concurso para pintura, “por não ter havido aulas do curso de arquitetura⁸”. A Congregação aprovou a sugestão e escolheu os seguintes temas: um nu (Desenho), e para o assunto histórico, La Batut perante o tribunal. Nessa mesma reunião, foi autorizado ao diretor Eduardo Dotto receber as apólices pertencentes à Escola. O concurso durou 45 dias.

Mendonça Filho apresentou ao júri, composto pelos professores Eduardo Dotto (?-1927), Oséas dos Santos (1865-1949) e Pasquali De Chirico (1873-1943), as telas “Atitude de La Batut perante o tribunal” e um “nu artístico”. Atitude de La Batut⁹ foi escolhida pelo júri e Mendonça ganhou o Caminhoá.

Neste momento, a temática do artista estava intimamente ligada ao seu lado acadêmico, muitos retratos e academias. Contudo, as paisagens começaram a aparecer, registrando o cotidiano vivido na Itália e na França. Como informamos

⁷ Prêmio instituído pela doação do Eng. Francisco de Azevedo Monteiro Caminhoá. Segundo o Balancete publicado em julho de 1926, as apólices haviam rendido com os juros anuais a quantia de 174.000\$000 e a Escola havia retirado um total de 18.320\$000 para o pagamento de prêmio de viagem a Europa (escultura) no valor de 150\$000, em 1919; prêmio de viagem a Europa (pintura) para Mendonça Filho no valor de 6.000\$000, em 1922; em 1924 foram adquiridas 06 telas sendo que dois quadros de autoria de Lucílio de Albuquerque, no valor de 3.000\$000, 01 quadro de autoria de Antonio de S. Freire, no valor de 500\$000, 02 quadros de autoria de João Francisco Lopes Rodrigues, no valor de 500\$000 e 01 quadro de Oséas dos Santos, no valor de 2.000\$000; mais um prêmio de viagem a Europa no valor de 6.000\$000, secção pintura - para o artista Lourenço Conceição. Segundo A tarde, 29.07.1926, p. 04.

⁸ Arquivo Histórico da EBA/UFBA. Envelope 14 – Ata das Sessões da Congregação da EBA. 1901 – 1930, p.126.

⁹ Tavares (2000, p. 168-173) aponta os motivos que levaram La Batut a ser julgado entre eles o confisco de escravos pertencentes a portugueses ausentes (presumidos inimigos) para servirem ao Exército e o “incentivo” à contribuição voluntária dos senhores, com escravos para a guerra, além de prepotência e corrupção. Foi julgado em 1823 por diversos crimes, inclusive prometer liberdade aos escravos que servissem no Exército Pacificador.

acima, seu interesse pelas marinhas já havia se manifestado muito antes.

O Prêmio Caminhoá foi instituído pela doação do engenheiro Francisco de Azevedo Monteiro Caminhoá que deixou para a Escola de Belas Artes, em 1918, a importância de cento e vinte apólices de conto de réis e juros de 5% ao ano para patrimônio da Escola. Com os juros destas apólices, a diretoria da Escola deveria instituir um prêmio anual “Viagem a Europa” ao aluno de primeira classe das Seções de Arquitetura, Pintura e Escultura, sem distinção de nacionalidade, que obtivesse o primeiro lugar, cabendo ao segundo classificado, uma medalha de ouro.

Entre os temas selecionados, ao menos um era histórico, segundo a tradição das Academias do Rio de Janeiro e da França. “Segundo disposições do Legado Caminhoá que estabelece um prêmio de viagem para alunos distintos em cada uma das artes, enviou ultimamente a escola o premiado Mendonça Filho para Nápoles onde se acha” (FRANÇA, 1944, p.148).

Salgueiro (2002, p. 13), ao traçar um relato sobre as encomendas de telas históricas no Brasil do XIX, comenta que:

[...] as maiores exigências com relação à pesquisa e as fontes eram colocadas, contudo, pelo próprio contratante, não raro o contrato dispunha sobre a fonte a ser utilizada pelo pintor na concepção do quadro, chegando a níveis de precisão impressionantes, numa evidência do controle de sua interpretação do episódio quanto do ato da encomenda [...].

Em documento encontrado¹⁰, assinado pelo próprio Mendonça Filho, fica evidente que a Congregação da Escola de Belas Artes tentou impor restrições para a utilização dos recursos do prêmio. Nesse memorial, Mendonça informou que o prêmio “se traduz em uma viagem à Europa e não a um pensionato”, e que por ter sido aprovado em concurso tinha direito de “exigir e receber” da EBA “sem condições outras” a soma total daquele prêmio. O documento apresenta o seguinte comentário:

Se no testamento Caminhoá estivesse estabelecido cláusulas ou condições especiais que habilitassem a Escola regularizar ou estabelecer normas para o emboço desse prêmio, além da especificada, aprovação em concurso, poderia a EBA regulamentar a maneira porque o premiado deveria emboçar o aludido prêmio. Mas o testamento Caminhoá não o fez [...].

¹⁰ AHEBA/UFBA. Envelope 8 – Prêmio Caminhoá – Memorial, 28.07.1922.

Mendonça Filho finaliza: “caso a Escola altere o testamento, introduzindo modificações, criando condições [...] muito a contragosto, recorrerei aos tribunais baianos”. Segundo o documento, o valor do prêmio foi de seis contos de réis, sendo que 1.896 aqui na capital baiana e quatro contos ficaram para ser entregues na Itália. Em 16 de novembro de 1923, um ano depois da viagem de Mendonça para a Itália, a Congregação¹¹ verificou os documentos enviados pelo o Cônsul brasileiro em Nápoles, “abonadores” do aluno premiado com o Caminhoá (pintura), Manoel Ignácio de Mendonça Filho. Nos arquivos da EBA/UFBA¹², encontramos uma duplicata creditada à Filomena Padula, a ser paga em Nápoles, no valor de 10.638,29 libras. Não podemos afirmar, até o momento, que este documento se refira ao prêmio de Mendonça Filho, contudo, acreditamos que seja a quantia restante que deveria ser paga ao chegar à Itália.



Figura 512: Duplicata – Provavelmente destinada ao pagamento de parte do Prêmio Caminhoá.
 Fonte: AHEBA/UFBA. Envelope 08. Prêmio Caminhoá, 1918 – 1965.

Há um fato que não deve ser deixado de lado. Sobre as disposições do Legado Caminhoá¹³, em 1925, houve uma regulamentação através da Portaria do Ministério da Justiça e Negócios Interiores do dia 06 de março de 1925 (Art. 11, parágrafo 1º), que se o pensionista não seguir viagem no prazo de dois meses, contados da data

¹¹ Id., envelope 114, p. 127.

¹² Id., Envelope nº. 08. Prêmio Caminhoá.

¹³ Ibid.

do julgamento do concurso, salvo atraso motivado por doença grave, devidamente comprovada, ou se, por qualquer motivo, voltar antes de decorridos quatro meses de estadia no estrangeiro, perderia o direito às quotas do prêmio. Acreditamos que esta regulamentação ocorreu depois do fato relacionado com Mendonça Filho em 1922.

Mendonça, com 28 anos, embarcou nos últimos dias de setembro de 1922 em direção a Portugal¹⁴ no navio Curvelo (CALDERON, 1974, p.03) sob o comando de Reis Junior¹⁵. Neste mesmo navio embarcaram o príncipe Pedro de Orleans e Bragança e a princesa Elisabeth, além do escritor Thomas Ribeiro Colaço. Mendonça, durante a viagem jogou dama com eles, além de fazer vários desenhos, ao todo 16, dos príncipes e de outros passageiros.



Figura 52: Mendonça Filho. Desenho do Capitão do Navio Reis Junior. Lápis e aquarela sobre papel. 1922.

Fonte: Acervo da Família.

O grande escritor português Thomas Ribeiro Colaço escreveu abaixo deste desenho:

¹⁴ Embora Calderon não tenha fornecido a data precisa, o Jornal Diário de Notícias, 29.08.1922, p. 01, faz referência a viagem do Príncipe de Bragança ao Brasil. No memorial a Direção, AHEBA, Envelope nº. 08 – 1918 a 1965, Prêmio Caminhoá, 28.07.1922, há referências que a viagem de Mendonça estava marcada para o dia 02.08.1922 no Vapor Caxias.

¹⁵ Diário de Notícias (29.08.1922, p. 01).

Quem dera, em viagens distantes
 Como esta que nós fazemos
 Que todos os comandantes
 Fossem iguais ao que temos
 Com ele, nada a remar.
 Terá qualquer passageiro...
 Pois, sendo um lobo do mar,
 Fica o mar... como um cordeiro.
 Navio Curvello, Outubro de 1922.

De Portugal, embarcou no vapor holandês *Vênus*, passando por Cental e Cádiz, e, no final de 1922, já estava em Nápoles. Enfim, estava na Itália dos seus sonhos.

Sua escolha pela Itália, ao invés da França, não foi por acaso. Hélio Simões, por ocasião da exposição retrospectiva de Pasquale De Chirico (1873 – 1943), realizada em 1974, fez menção ao fato de que, por orientação de Pasquale, Mendonça Filho foi estudar em Nápoles e lá “teve seu encontro com a cor”. Dazzi (2011) cita trecho de uma crítica de Gonzaga Duque a Antonio Parreiras publicada no jornal “A Gazeta de Notícias” em que o crítico aproxima a luminosidade brasileira à do sul da Itália.

Calderon (1974, p. 1) explica que, quando Mendonça Filho chegou a Nápoles, imperava o luminismo¹⁶ ou fortunismo¹⁷ introduzido por Domenico Morelli (1826–1901), seguidor de Mariano Fortuny (1838–1874).

Fortuny e Morelli, para Valentin Calderon são, também, responsáveis pelo verismo italiano. Segundo o autor, o luminismo de Fortuny encontrou na Itália, especialmente em Nápoles, um desenvolvimento mais superficial. E teve sua maior expressão em Antônio Mancini (1852 – 1930), chefe da escola luminista napolitana.

Nesse ambiente artístico, Mendonça Filho frequentou inicialmente uma escola para operários e o círculo de Belas Artes. Sua pintura forte, vibrante, nervosa e apaixonada, de grandes e espontâneas pinceladas, logo se identificou com os luministas herdeiros da técnica cromática de Fortuny e de Morelli, interessando-se pelo pitoresco e anedótico, como no pequeno, mas excelente “Procissão de Santo Antônio (CALDERON, 1974, p. 1).

¹⁶ Segundo Chilvers (1996 p. 318), o **luminismo** é uma técnica de pintar em que são realçados a luz e seus efeitos. O termo foi cunhado em 1954 por John Baur, diretor do Whitney Museu de NY, para descrever aspectos da pintura de paisagem norte-americana de meados do Século XIX, em que era essencial o cuidadoso estudo da luz.

¹⁷ Influenciada por Mariano Fortuny Marsal (1838-1874), pintor espanhol que trabalhou principalmente em Roma. Obteve enorme êxito com suas pinturas, frequentemente ambientadas no século XVIII. As obras primam pelo brilho das cores e pelo bom trabalho de pincel. Sua superficialidade foi atacada por muitos artistas que sem dúvida invejavam os altos preços que arrebataavam no mercado. Chilvers (1996, p.197-198).

Como informamos acima, o Prêmio Caminhoá era de viagem à Europa. Segundo Torres (1955, p. 20), “cobrindo apenas seis meses de sua estadia”, contudo, com o auxílio de sua família, principalmente de seu avô, que era um comerciante português que residia no bairro do Santo Antônio além do Carmo e também de seu tio João, médico psiquiatra que integrava o corpo de médicos do hospital Juliano Moreira, conseguiu manter-se na Europa por quase oito anos. É válido ressaltar que o artista vendeu vários trabalhos, e a fim de custear suas despesas, servia-se de seus amigos, que o indicava para fazer mediações culturais às figuras brasileiras ricas que queriam visitar a cidade e os museus.¹⁸

Em Roma, visita Pozzuoli, o vulcão Solfatara, Bolali, Pompeia e Roma. Em 1925, visita Capri; em 1926, Palermo; em 1927, San Agapito Longano, província de Campobasso, onde recebe o seu primeiro prêmio com medalha na Europa. No inverno deste mesmo ano, visita Pizzoferrato e o norte da Itália: Pisa, Florença, Perugia e Veneza. Em 1928, participa com 11 telas da I Exposição dos artistas centro-americanos, residentes na Itália, entre elas, a obra “Il Vecchio Salvatore” que lhe dá a medalha de ouro, e atualmente esta tela pertence ao acervo do Museu Carlos Costa Pinto, segundo jornal “A Tarde¹⁹”. No mesmo jornal, encontramos comentários sobre o triunfo de Mendonça na Itália “[...] o pintor bahiano foi educado na Itália, onde fez a sua feição artística e em vista disso, a crítica italiana considerou a sua victoria como mais uma vitória da escola nacional”.

Sabemos através da data de uma carta que o artista recebera de sua mãe que ele, em 1929, estava em Paris. Nessa carta, sua mãe comenta que ouvia falar “que Paris era muito bonita e divertida”, mas que ele não deveria se deixar influenciar por essa diversão e aproveitar seu tempo para “ser um homem como seus irmãos”, provavelmente preocupada com a profissão de artista, a qual, não via com bons olhos.

O jornalista J. F. Oliveira, para o jornal “O Itapira²⁰”, comentou sobre sua passagem

¹⁸ Informações obtidas com a família do artista.

¹⁹ A Tarde (14.05.1928, p. 01).

²⁰ Jornal “O Itapira” (09.07.1932, p.01).

na França:

[...] foi à França onde viveu todas as vidas dos Parisienses. Do *quartier Latin* ao *louvre*; das boites de Montematre às recepções do embaixador Souza Dantas. Viu, admirou, detalhou as obras primas, as celebridades, os tesouros de arte que a cidade luz encerra [...].

O autor ainda explica que Mendonça Filho “conseguiu obras de alto valor na Bretanha, convivendo com os pescadores na sua simplicidade”, daí surgiu, provavelmente, sua fixação pelos registros do cotidiano dos pescadores.

Em entrevista intitulada “diálogo com o artista”, no dia 04 de novembro de 1932²¹, Mendonça explica que passou cerca de 8 anos na Europa, entre Itália, França, Espanha e Portugal

[...] a minha preocupação foi fugir dos medalhões que desejavam impor tudo, desde os méritos reais até a estreiteza dos métodos, cor, assunto, técnica, com que não podia concordar o meu feitio predominantemente pessoal [...], devo citar com carinho Pasquali De Chirico que muitos e sábios conselhos me proporcionou, inclusive, o sedutarismo de resistir, depois de ter aprendido o ofício, ao magisterismo para o máximo ideal da arte-personalidade.

Em outro trecho da entrevista, Mendonça Filho comenta sobre as tendências na pintura atual:

[...] uma frase, todas se resumem no duplo movimento clássico renovado, com um traço dominante e comum: o pessoalismo. A Pintura é humana, não para. Por isso não se pode acomodar dentro de cânones eternos. Evolverá, mas essa forma evolutiva, penso, não será decerto o modernismo, como ele é feito agora. Mas o modernismo, bem entendido, e será vitorioso, não há dúvidas.

Nestes comentários, Mendonça demonstra que não aceitava muito bem o que estava acontecendo como vanguarda no período. Talvez acreditasse em uma evolução que convivesse com elementos do clássico.

O retorno de Mendonça ao Brasil está vinculado à morte de seu pai²², o qual o

²¹ Este jornal se encontra no setor de documentação do MAB, pasta do artista Mendonça Filho e não tem outra informação a não ser a data no recorte.

²² Em 13 de fevereiro de 1928 seu pai faleceu aos 76 anos de idade com insuficiência cardíaca²², e foi sepultado no cemitério do Campo Santo, deixando 04 filhos: Manoel Ignácio de Mendonça Filho, Antonio Ignácio de Mendonça, José Ignácio de Mendonça e João Ignácio de Mendonça, segundo Calderon (1974, p. 01).

artista era muito ligado. Durante o ano de 1929, recebera uma carta de sua mãe, que se mostrava saudosa pela morte do marido. Acreditamos que este fato, aliado às despesas necessárias para se manter em outro país, tenham pesado muito na decisão do artista de retornar à Bahia.

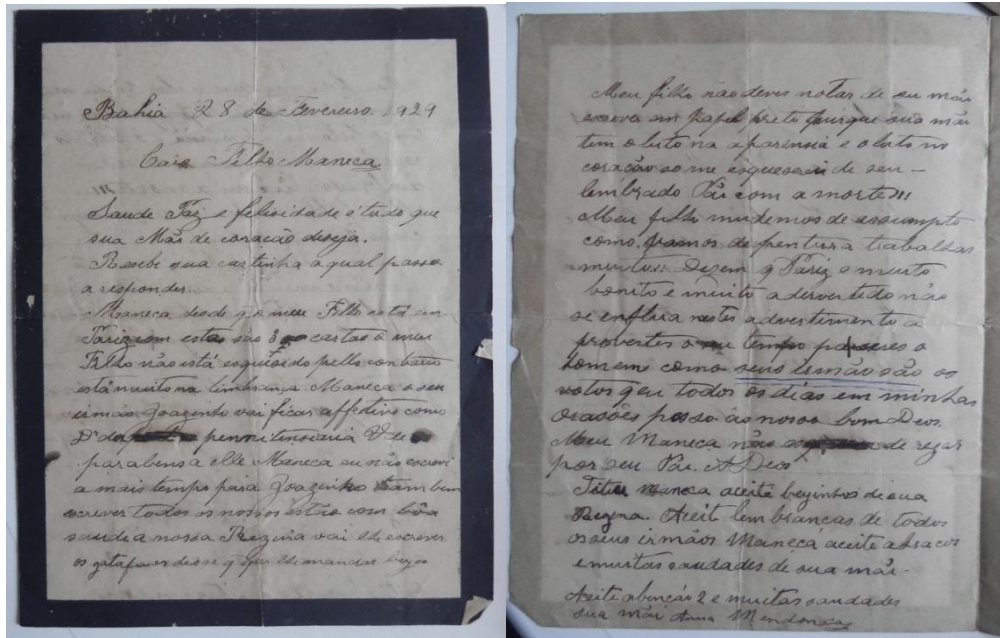


Figura 533: Carta de sua mãe, Ana Mendonça. 1929.

Fonte: Acervo da família.

Mendonça Filho chegou à Baía de Todos os Santos no dia 20 de janeiro de 1930 a bordo do vapor Belle Isle. Em Salvador, suas telas causaram certo rebuliço e todos queriam ver os seus trabalhos (CALDERON, 1974, p. 1).

Em 1931, segundo nota de jornal²³ intitulada “dois prêmios de viagem à Europa”, o autor comenta sobre as telas “ainda por concluir as de Mendonça Filho onde se destacam pelo vigor de sua arte e do seu estilo”. E continua: “Mendonça é uma extraordinária revelação artística, um pincel forte de tintas vigorosas e expressivas”. Nessa mesma exposição, foram apresentadas as obras de Ismael de Barros (escultura) e Emydio Magalhães (pintura) que conquistaram o Caminhoá²⁴.

Sobre as influências artísticas de Mendonça Filho, além de Pasquale de Chirico²⁵ e

²³ A Tarde (21.12.1931, p. 02).

²⁴ Id., 30.12.1931, p.03.

²⁵ Segundo Torres (1953, p. 209), Pasquale De Chirico veio de São Paulo em 1907, convidado pelo engenheiro Teodoro Sampaio para fazer as esculturas em cimento “que cercam a rotunda do

seus professores na EBA, soma-se toda a carga de informação adquirida em seus passeios a exposições e museus em sua estadia na Europa. Jornalistas da época comentam que o artista fora influenciado por seguidores da Escola Fortunysta: Antonio Marcini (1852-1930) e, principalmente, de Joaquín Bastida Sorolla (1863-1923), luministas.

Joaquín Sorolla, conforme comentamos anteriormente, atuou principalmente em Valência, foi um artista que dominava diversos temas: cenas de gênero, paisagens, retratos e cenas históricas. Seu estilo era um impressionismo conservado ou moderado, no qual buscava os efeitos luminosos em seus temas. Entre as décadas de 1910 e 1920 realizou importantes painéis para a sociedade hispânica da América (CHILVERS, 1996, p. 501). Podemos ver a mesma pincelada gestual nos trabalhos de Mendonça.

A contribuição de Mendonça Filho como professor da EBA começou assim que ele retornou da Europa, quando assumiu uma das disciplinas livres da Escola. Embora ele só tenha assumido a cadeira de Desenho Figurado, Ornatos e Elementos de Arquitetura em abril de 1932²⁶, já fazia parte do quadro de professores, conforme demonstra uma solicitação de um atestado²⁷ datado em 18 de dezembro de 1931 (Anexo B), assinada pelo próprio Mendonça. Nesta solicitação, Mendonça pede que a Escola ateste quantos anos ele já ensinava Desenho Figurado. A resposta da Escola é que ele já era professor do curso de Desenho da 3ª série desde 1930, indicando que já exercia a função de professor antes de ser catedrático (CARDOSO, 1984)²⁸.

Em outro documento, assinado por Francisco da Conceição Menezes, datado de 1º de outubro de 1952, é informado que Mendonça foi admitido no dia 06 de abril de 1931 para “reger interinamente a cadeira de Desenho Figurado e Princípios de

Anfiteatro Alfredo Brito”. Esta obra fazia parte da reconstrução da ala nova da Faculdade de Medicina que havia sido consumida por um incêndio em 02 de março de 1905.

²⁶ AHEBA/UFBA. Livro de ATA da Congregação. Atos de empossamento de professores. 1926-1932. p.31.

²⁷ Id., Classificador 287, pasta do Professor Mendonça Filho, histórico.

²⁸ A cátedra assumia o papel do colegiado e do departamento definindo o currículo dos cursos. O professor catedrático era a autoridade sobre a disciplina (CARDOSO, 1984).

Modelo Vivo”, tendo funcionado durante todo o ano de 1931 até 19 de abril de 1932 quando, enfim, assume a cadeira.

A família também comenta que o mesmo, antes de viajar para a Europa já havia desempenhado a função, todavia, não encontramos comprovação. O que temos registrado nos arquivos da EBA é que sua primeira assinatura como professor aparece no livro de ponto em 17.04.1932²⁹.

Em 09.01.1932 Mendonça apresentou suas telas produzidas na Europa e algumas produzidas na Bahia. A exposição que foi inaugurada no Palacete Catharino - Rua Chile, apresentou 61 telas com diversos temas, entre eles: cabeças, nus, lavadeiras, paisagens italianas e marinhas conforme informações de jornais da época.



Figura 54: Abertura da 1ª exposição individual de Mendonça Filho na Bahia, 1932.

Fonte: A Tarde, 11.01.1932 p.02.

O consagrado e exímio pintor é Mendonça Filho, cujos méritos de artista sobejamente conhecido ninguém contesta, inaugura-se, hoje às 21 hs a sua exposição de pinturas, que muito vem sendo aguardada pelos corypheus da arte baiana. Prevê-se de já um grande sucesso, a que aliás, faz jus o conhecido expositor³⁰.

Carlos Chiacchio³¹ relaciona as telas expostas na primeira exposição de pinturas de

²⁹ AHEBA. Livro de ponto dos professores. EBA – Exercício 1921-1932. p. 81. In: Classificador nº. 287.

³⁰ Diário de Notícias (09.01.32, p.02).

³¹ A Tarde (12.01.1932, p. 03).

Mendonça em Salvador. “Melancolia” (01), “Carne” (03), “Sensual” (04), “Velho Salvador” (06), “Satiro” (07), “Shylock” (08), “Velho Bretão” (12), “Por esta vida” (14), “Flor de Sol” (17), “Ponte dos suspiros” (20), “Tarde Napolitana” (24), “Manhã Bretanha” (28), “Ocaso em Monte Serrate” (33), “Colheita de Trigo” (46), “Pont Neuf” (57), “Via Appia” (58).

A exposição foi encerrada no dia 06.02.1932, tendo vendido 06 telas: “Melancolia” (Vital Soares), “Satyro” (Carlos Costa Pinto), Cabeça de Velho (Alfeu Pedreira), “primavera” e “Via Appia” (Severo Albuquerque), interior de São Francisco (Gerhard Meyer)³².

As telas “San Agapito longano”, “Procissão de Santo Antonio” são de 1927 (acervo da família) e “Vendedora de peixe napolitana” (Acervo da EBA) é de 1928 (CALDERON, 1974 p.01), portanto podem ter participado desta primeira exposição individual.

Segundo a família, o artista lembrava: Sabe como eu pinte. A procissão veio, veio, veio, quando chegou, eu já tinha acabado. Aninha Mendonça, em entrevista concedida a Julia Lima (2005) comentou: “Parecia um mágico [...] Eu ficava atrás vendo desenhar com aquela velocidade [...]”. Juarez Paraíso completa: “Embora apreciase o desenho bem feito, era adepto de um tipo próprio de pintar, gestual e mais instintivo [...]”.

A forma de trabalhar rápida e instintiva de Mendonça Filho é comentada em outro trecho da entrevista com sua filha: iam todos para a igreja de Santo Antônio, meu pai começava logo a pintar o interior, ai ficava Presciliano esperando dar 3:30 da tarde, esperando a luz baixar. Meu pai dizia “Deus me livre, até lá eu já pinte três quadros”, Ana Mendonça continua: Presciliano passava um mês, todo dia às 3:30 ele estava lá [...].

O artista realizou uma série bem ao estilo de Monet. Eram quatro telas apresentando as mudanças das estações a partir do tema Colheita de trigo. As telas intituladas

³² Diário de Notícias (02.02.1932, p. 01).

Primavera (nº.47), Verão (nº.45), Outono (nº.27) e Inverno (nº.43), segundo Chiacchio (1932), “são estudos que possuem um verdadeiro encanto no manejo da luz”. Essa postura pode estar vinculada a questões de ordem técnica, podendo ser considerada “como uma prática para aprimoramento do artista” (OLIVEIRA, 2007, p. 69).

Entre as telas expostas, podemos identificar algumas em notas de jornais: “Primavera”, “Via Appia” e “Água de meninos³³”; “Ocaso em Mont Serrat” e “Mau tempo³⁴”.

Em matéria de arte, talvez a Bahia jamais houvesse assistido a coisa igual. Ninguém conhecia, entre nós, o legítimo Mendonça Filho. Sabiam-no todos laureado pela Escola de Bellas Artes em viagem de aperfeiçoamento a Europa, junto aos mestres da paleta, entre as expressões definitivas da pintura e que dali regressara com ótimo aproveitamento (CHIACCHIO, 1932, p. 03).

Carlos Chiacchio³⁵ comentou: “A obra de Mendonça é feita de versos. Feita de alma, feita de vida. Nenhuma dos seus quadros traz debilidade, pieguice ou submissão”.

[...] O jovem artista tem atraído as atenções do que a Bahia tem de melhor e mais seleta. Todos os seus quadros são bons. Mendonça Filho é sobretudo um artista por excelência. Em seu espírito vivo um pouco da esthesia de Lopes Rodrigues. Mendonça Filho é da estirpe de Presciliano Silva: Alizarp de moço, já é uma afirmação positiva do talento artístico da Bahia [...]³⁶.

A exposição foi um sucesso, um “acontecimento social relevante”. Algo que não era muito comum nas exposições baianas.

[...] fixamos esse aspecto por não ser comum na Bahia as exposições darem motivo a reuniões elegantes como a de sábado a noite, que levou ao Palacete Catharino, onde uma ornamentação sóbria e de gosto realçava a disposição das telas, um público escolhido no qual avultavam muitas e distintas senhoras [...]³⁷.

A exposição foi muito badalada para a época trazendo para o Palácio Catharino várias autoridades e intelectuais. Manoel Novais representando o interventor Federal proferiu algumas palavras, abrindo a exposição. Chiacchio (1932, p.03), sobre o

³³ Diário de Notícias (02.03.1932, p. 01).

³⁴ Id. (11.02.1932, p. 02).

³⁵ A Tarde (12.01.1932, p. 03).

³⁶ Diário da Bahia (21.03.1932, p.02).

³⁷ A Tarde (11.01.1932, p.02).

ufanismo de época, comentou:

[...] Como quer que seja a Bahia esta de parabéns por mais esta floração moça de capacidade mental. As suas reservas são infinitas. Cada dia um novo nome. E em cada nome novo, uma fulguração. Eu tenho que devemos serrar fileiras de defesa e estímulo a todo o transe em torno dos nossos legítimos elementos de êxito. Que a cidade corra a prestigiar uma nova glória baiana. Elas bacarreiam no terreno das artes e das letras. Ou se não escasseiam, refogem tímidas ao tropel das vulgaridades. É preciso defender com o coração posto no alto e o espírito impávido da justiça à lâmpada sagrada da beleza que estremece batida pelos ventos do desamparo e da indiferença pública. Aprendamos a valorizar o que é nosso. Brasileiramente nosso.

A crítica baiana, com algumas exceções se rendeu ao artista. Diante de tantos elogios alguns quadros foram vendidos.

O jornalista Anfilóbio de Castro (1932) escreveu que o salão, por seu tamanho, sacrificou a extensa obra do artista, pois eram muitas telas e comentou que o próprio Mendonça, achando pouco, manifestou-se: “queria ter dado mais de mim”.

Em outras notas de jornais havia comentários sobre a exposição de 1932. Abaixo reproduzo algumas. Presciliano Silva comentou:

Mendonça Filho é um verdadeiro e forte temperamento de artista, possuidor de uma técnica superior, uma fatura larga e seguríssima. Ele é um colorista exímio, conhecendo os segredos psicológicos dos tipos, das figuras que interpreta com rara perfeição³⁸.

Edith Mendes da Gama e Abreu comentou: “[...] a obra desse mágico da palheta como que rouba a princípio aturdindo, embriagando de beleza, tangendo para o sonho e só após, permite aferir, compreender, ajuizar [...]”³⁹. Ela continua:

De feito, é sempre ele, o artista quintessenciado, na luz estonteante de uma paisagem tropical ou na penumbra suave de um interior sacro; na exuberância verde de uma primavera europeia ou na poesia de sol brasileiro; na expressão piedosa de uma mulher pura ou na atitude ardente de um nu sensual; no sulco de uma lágrima angustiada ou no rito de um riso folgazão.

Podemos perceber que foi uma exposição que movimentou o cenário artístico baiano. Durante a década de XX, apenas outras duas exposições conseguiram

³⁸ O Imparcial (10.01.1932, p.01).

³⁹ Id. (31.01.1932, p. 01).

sucesso parecido: a coletiva de artistas baianos de 1923⁴⁰ que aconteceu no Instituto Histórico da Bahia e que segundo jornais da época, sem precedentes: “[...] os próprios artistas não tinham memória de nenhuma outra tão concorrida, que prendesse tanto a atenção das diversas classes sociais [...]”. Entre os artistas participantes estava Pasquali De Chirico com alguns bronzes, inclusive “Remorso” que atualmente está na Escola de Belas Artes; Raimundo Aguiar com caricaturas; Oséas dos Santos, Alberto Valença, Presciliano Silva e Vieira de Campos com pinturas; e a exposição de Antônio Parreiras⁴¹ realizada no Palácio Rio Branco em 1928. Na exposição de Parreiras, a Escola de Belas Artes adquiriu a tela “Inferno verde” para figurar na sua pinacoteca⁴² com recursos do Legado Caminhoá⁴³.

A construção pictórica de Mendonça Filho era inovadora. Paraíso (1995, p. 05), em texto para o catálogo de comemorações de 100 anos de Mendonça, comentou:

As texturas são direcionadas para enfatizar o ritmo, chegando ao extremo do empaste do relevo, da matéria pictórica composta da cor e volume reais, construída, às vezes, pela espátula em lugar do pincel. O artista deixa-se seduzir pelos efeitos abstratos de luz, conduzido pela matéria pictórica empastada, grossa e independente do objeto representado [...] Ao artista importa mais a transfiguração da luz, da cor e da forma do mundo físico para, o universo de suas emoções e sentimentos.

“Antes de pertencer a Pancetti já era de Mendonça Filho o mar da Bahia”. Esta foi a afirmação de Jorge Amado⁴⁴. Logo este escritor, um dos responsáveis por criar uma imagem de Bahia que persiste até a nossa atualidade.

Um tema muito abordado por Jorge Amado em seus livros é o cotidiano dos pescadores; as idas e vindas e o extremo respeito por Yemanjá, dona das águas; a dureza de quem lida com o mar, assim como a beleza e inspiração que o mar exerce naqueles que ousam contemplá-lo. Dorival Caymmi, na música, também o fez. Entre elas, encontramos diversas que tratam do mar, citando algumas temas: é doce

⁴⁰ Diário da Bahia (01.08.1923, p. 01).

⁴¹ Adquirida pela importância de seis mil réis, verba do legado Caminhoá. Salgueiro (2002, p.12) indica que Antonio Parreira, neste mesmo período, recebeu uma encomenda do Governador do Estado da Bahia para realizar uma tela histórica com o tema “O primeiro passo para a independência da Bahia”.

⁴² O Imparcial (15.10.1928, p. 01).

⁴³ Ata da Congregação. 20.11.1928. AHEBA/UFBA. Envelope 114 – Livro de Ata das sessões da Congregação, 1903 – 1930, p.168.

⁴⁴ A Tarde (19.07.1978, p.01).

morrer no mar, Morena do mar, 2 de Fevereiro, a jangada voltou só, caminhos do mar, navios negreiros , sargaço mar, etc.

É doce morrer no mar. Nas ondas verdes do mar. É doce morrer no mar. Nas ondas verdes do mar. A noite que ele não veio foi. Foi de tristeza prá mim. Saveiro voltou sozinho. Triste noite foi prá mim. É doce morrer... Saveiro partiu de noite foi. Madrugada não voltou. O marinheiro bonito. Sereia do mar levou. É doce morrer... (2x). Nas ondas verdes do mar meu bem. Ele se foi afogar. Fez sua cama de noivo. No colo de lemanjá. É doce morrer...

Tanto na literatura, quanto na pintura ou música, a década de 1930 e 1940 foi muito rica de produções artísticas que tinham como tema e cenário para suas histórias, o mar. Na literatura de Jorge Amado, Mar morto especificamente apresenta a história de Guma pescador dividido entre sua paixão pelo mar e Livia, a mulher mais desejada do cais. Nesse enredo de amor, Jorge Amado apresentava o cotidiano dos pescadores, a prostituição, as brigas, os desencantos e acalantos daqueles que o cercam. Por que a temática ganha tanta importância nessa época. Como esse imaginário, ou mentalidade favorece a mente dos artistas?

Celso Spinola⁴⁵ explica que o Porto de Salvador permaneceu por quase 400 anos com as mesmas características “rudimentares” aproveitava as condições naturais de atracação. Só veio a se tornar organizado a partir do início do Século XX, depois de passar por ampla reforma que melhorou suas condições físicas. As obras foram iniciadas em 1906 depois da Companhia Cessionária do Porto da Bahia tomar emprestados 75 milhões de francos do Banco Francês Etienne Muller e Cia. Dentro deste orçamento aprovado em Decreto Federal estavam previstos a construção dos edifícios dos Correios e o do Mercado Modelo e a abertura de uma avenida de 20 metros de largura ao longo dos armazéns. Em 1913, J. J. Seabra já havia inaugurado o trecho do Cais da Alfândega e a Avenida ficou conhecida como Avenida da França.

Percebemos que a Bahia das primeiras décadas do Século passado viu sua geografia mudar, e caminhão por caminhão, o mar foi tomado pelo novo porto de Salvador. E nesse período percebemos que há um aumento da produção de

⁴⁵Portos da Bahia. In: Diário Oficial do Estado da Bahia. Edição Especial do Centenário da independência. 1923, p. 165-170.

pinturas ligadas ao mar. Poderia essa ser uma das influencias? Não podemos afirmar. O que sabemos é que desde a exposição de Presciliano Silva em 1907, surge uma corrente de pintores que registraram nossa natureza. Depois de Presciliano, Robespierre de Farias, e seguida por Alberto Valença, Mendonça Filho, Diógenes Rebouças e outros.

Octávio Torres, em 1955, por ocasião da federalização dos cursos da Escola de Belas Artes traçou uma breve biografia dos artistas e professores que compunham a Escola, podendo fornecer mais informações sobre o período.

Chiacchio (1932) refere-se a Mendonça como “de um temperamento excepcional de artista não só pela eleição personalíssima dos assuntos senão ainda pela maneira independente de tratá-los” [...]. O autor continua:

[...] A visão estonteia-se em face da multiplicidade de telas. A esta multiplicidade segue-se não menor diversidade. E o artista não se perde, não se desequilibra, não se desorienta no tumulto de seus trabalhos, porque a cada solicitação de fatura espontânea empresta a mesma constância conceitual de arte, a mesma lógica interior de seu conceito de beleza. Isto quer dizer que qualquer discordância com o modo todo seu de visionar as coisas não tem que ser levada senão a conta de seu personalismo em pintura. Temos que aceitar o artista não como desejaríamos que ele fosse mais como ele é. Como não podia deixar de ser. Pelo talento que lhe ampara o ideal. Pelo temperamento que lhe traça os rumos. Pela vontade que lhe guia o pulso. Deante de compleições raras de sensibilidades que, taes, não há dois métodos de análise. O único método é compreendê-lo. Compreendê-lo, para admira-lo. E já não é pouco.

Manuel Mendonça Filho⁴⁶, neto afillhado de Mendonça Filho, sobre sua fatura escreveu que [...] não havia tempo para reflexão, pois não se tratava de refletir o mundo, mais antes, de compô-lo. É ao operar esta virada que seu trabalho se torna obra de arte. A velocidade quase que infinita com que nascem suas telas é a mesma com que elas, na função de signos, constroem, no observador, uma memória da cena que carrega [...].

Paraíso (1995, p. 05), referindo-se à tela Mar Grande, produzida em 1944, acentua a concepção antiacadêmica de Mendonça Filho: “Com o corte inusitado, a iluminação dramática das nuvens, puro pretexto para o exercício da abstração, para a construção da pintura com recursos plásticos [...]”.

⁴⁶ A Tarde. Caderno Cultural (01.04.1995, p. 07).

[...] podemos aferir de um modo aproximativo os valores mágicos dos artistas, em três feições que nos pareceram acomodadas as suas tendências pictóricas. O dom psicológico da ideação a que devemos chamar episódio. O dom extintivo da criação, a que chamaremos inspirado. E o dom paisagístico da poesia a que vamos chamar de interpretativo. Temos assim por essa escala de simples comodidade crítica situada a obra atual de Mendonça Filho em obra de psicologia, obra de extinto, obra de poesia [...] (CHIACCHIO, 1932, p. 03).

Nas observações de Carlos Chiacchio sobre a exposição de Mendonça Filho, fica evidente que o artista nesse momento não havia adotado um estilo específico, mostrando-se um pesquisador de todos os temas. Retratos, naturezas mortas, paisagens e academias se fizeram presentes em sua pesquisa pictórica, todos tratados com a mesma maestria. A sua exposição mostrou-se rica em “modalidades”. A qualidade dos trabalhos chamou muito a atenção dos visitantes e cronistas, seja pela composição, inovação da técnica, desenho e intensidade das cores.

Mas houve também críticas.

Mendonça ainda não entrou na natureza brasileira. Foi admirável interprete nos seus Ocasos, mas falta-lhe penetrar o âmbito gigantesco da nossa natureza virgem e fixar, na tela, a abrupteza das suas escarpas, a luxuria das suas florestas, o constante ineditismo da sua calendoscópica imensidão, pois concordo com um dos seus críticos: ele será ótimo interprete da nossa natureza⁴⁷.

Embora à crítica possa parecer negativa, o autor valoriza muito os trabalhos de Mendonça Filho. Eugênio Gomes inicia seu texto expondo que “a arte de Mendonça refoge, por numerosa e o surpreendente, às generalizações fáceis da primeira visada”. E afirma:

A curva de sua evolução é um desdobramento enérgico de talento e de vontade tendendo para o jogo livre das formas e para a renovação dos processos revelhos da pintura clássica. Oxalá que o didatismo não venha a perpetuar essa escalada, que é, antes, um élan magnífico, continuamente renovado de auto-superação.

Nesse período, Mendonça Filho passa uma temporada no sul da Bahia. Embora alguns afirmem que o artista tenha partido por causa das críticas, contemporâneos ao artista apontam outras razões para sua ida ao sul da Bahia, e as questões podem

⁴⁷ A crítica citada por Calderon em 1974 foi feita por Eugênio Gomes em uma matéria intitulada “diálogo com o artista” em 1932. Encontramos a cópia deste com a família do artista, infelizmente este recorte de jornal não possibilita a identificação da data e mês.

estar ligadas a uma família deixada na Itália. Além dessa estória, sua partida para àquela região pode estar ligada a uma obra desenvolvida por seu mestre Pasquale De Chirico.

O escultor um ano antes, em 1931, havia recebido de uma comissão patrocinadora de Ilhéus uma encomenda para modelagem de um busto dedicado a João Pessoa que seria inaugurado em março do mesmo ano⁴⁸. O monumento não pode ser inaugurado por falta de verba para realizar a fundição em São Paulo, então a data de inauguração foi adiada para 24 de outubro⁴⁹, data de aniversário da vitória da revolução brasileira. Os recursos não foram adquiridos e o monumento mais uma vez não foi inaugurado. Finalizou o ano e os recursos não foram completados⁵⁰. Se verificarmos a data inicial de inauguração podemos pensar que o monumento foi inaugurado em março de 1932, momento em que Mendonça Filho viaja para a região. Não encontramos comprovação documental da inauguração do monumento, todavia, a escolha do local o período escolhido por Mendonça são muito característicos e podem estar vinculados a esse fato.

Informações apontam que o artista viajou para o sul da Bahia em março de 1932⁵¹, permanecendo durante quatro meses no sul da Bahia, primeiro em Piabanha (Atual Itabaiana), na fazenda de seu amigo, o fazendeiro Américo Fascio, em seguida em Itapira (atual Ubaitaba).

Não conhecia, há quatro meses passados, Mendonça Filho, nem sua obra pictórica. Álvaro Ferreira, um dia, aqui nesta Itapira chuvosa proporcionou-me uma satisfação: Zé, eu te apresento Mendonça Filho, o homem de quem sempre falamos [...]⁵².

Seu artigo chama a atenção pelos elogios que o mesmo utiliza. Para revelar sua personalidade se refere a Mendonça como “um perfeito bohemio, no sentido mais estrito do vocabulário, de bohemia fina, comunicativa, dos superiores, dos idealistas”, e em relação a sua produção comenta:

⁴⁸ Diário da Tarde (Ilhéus) (26.03.1931, p.01).

⁴⁹ Ibid.

⁵⁰ Id. (07.12.1931, p.01).

⁵¹ Jornal da Bahia (28.12.1974, p. 01).

⁵² O Itapira (09.07.1932, p.01).

[...] “internado na solidão numa fazenda”, seu trabalho “tem sido vastamente produtivo, copiosamente recompensado. Durante quatro meses, o pintor, apanhou flagrantes da floresta virgem, trechos bucólicos, paisagens, visões panorâmicas, typos e detalhes, numa grande faina de produzir⁵³”.

Ana Mendonça, filha do pintor, em entrevista sobre esse período comentou que ele ficou desesperado quando retornou da Europa e encontrou aquele pensamento provinciano, aquela “mentalidade” na Bahia, então, resolveu se embrenhar no mato dizendo “quando retornar eu vou achar a Bahia ótima”. Ao chegar lá, tinha aquela mata selvagem, linda. Ele achou: amanhã eu venho aqui. Aquela vegetação linda, caindo àquelas coisas (ela acha que eram orquídeas), cipós, etc. Ele achou aquilo deslumbrante. Quando chegou ao outro dia, tinham queimado tudo! Ele dizia que chorou feito louco quando viu aquilo. E comentava que foi uma das piores emoções que teve na vida.

Sobre os motivos que levaram Mendonça até Itapira, podemos propor algumas, contudo há alguns fatos que devemos apresentar. Até os dias de hoje, para quem tenta chegar a Ubaitaba, ainda se surpreende com tamanha beleza da região, antigo povoado de Tabocas e Faisqueira. A mata exuberante, mesmo após 78 anos de exploração, continua linda, e a cada curva da estrada uma nova surpresa. Pensamos ao percorrer esse caminho, como era difícil na década de 1930 chegar até lá. O povoado de Itapira só foi reconhecido pelo Governo do Estado em 28.04.1915, deixando de ser classificado como povoado para se tornar Distrito de Itapira, pertencente ao município de Barra do Rio de contas (atual Itacaré), posteriormente, em 17 de dezembro de 1930 Itapira foi reconhecida como subprefeitura, tendo como subprefeito Rui Santos (Oliveira, 2010, p. 24), e finalmente, em 27 de julho de 1933, um ano depois de Mendonça ter passado por lá, já estava com o nome de Ubaitaba, através do Decreto nº. 8.567, tornando-se independente de Itacaré (OLIVEIRA, 2010, p. 20-26).

Para o jornalista José F. Oliveira⁵⁴, “nos últimos dias de sua estação de pintura, fomos visitar seu atelier. A caravana chegou meio estropiada à casa grande da fazenda de Américo Fascio” quem hospedara o artista. Mendonça produziu nesta

⁵³ Ibid.

⁵⁴ Ibid.

temporada as telas “Pôr do Sol”, “Sombra e luz”, “Queimada”, “Alvorada na mata”, “Casa abandonada”, “Espinheira em flor”, “Flor de São João”, “Casa da Roça”, “Boi de arrasto”, “Barra do Oricó”, “Taboquinha” e “Acampamento de ciganos”, entre outras. José Oliveira comentou sobre a tela “Por do Sol”:

É a paisagem que se avista, em frente, ao por do sol, ou melhor, na hora do crepúsculo. As nuvens refletem, ao alto, os últimos raios coloridos de sangue. No primeiro plano o brejo, cheio de tábuas, espelha nas suas águas paradas, o vermelho enviado das nuvens. Em segundo plano as “mangas”, o cacau, a capoeira sem sol, sob a luz bruxuleante do luscolusco [...].

A pintura desenvolvida pelo artista muda completamente e passa a apresentar cores mais próximas a nossa realidade, com muitos verdes e aquela alegria típica das paisagens baiana.

Além de toda reviravolta que ocorrera na concepção pictórica de Mendonça Filho, emocionalmente a década de 1930 foi muito instigante para o pintor baiano. Em 1933 passa a se relacionar com uma de suas alunas com quem se casaria em 12.12.1935⁵⁵. A família de Regina Cavalcanti possuía residência na Ilha de Itaparica e daquele momento em diante o pintor passou a frequentar o local de onde retirou inspiração para muitos de seus quadros.

Sua participação na comunidade e foi tamanha que chegou a ser o presidente da comissão da festa de Nossa Senhora das Candeias. A igreja ficava a frente da casa de veraneio da família. O artista convidava e levava os amigos das faculdades a fim de valorizar aquela manifestação popular. Os amigos contribuíam cada um a sua maneira.

Essa preocupação se dava também em outras manifestações, como o candomblé pelo qual possuía profundo respeito. A relação de Mendonça Filho com o candomblé se deu através de seu tio João Mendonça, psiquiatra da faculdade de medicina, que o levava junto com os amigos médicos psiquiatras para registrar o transe, tentando entender como funcionava as curas relacionadas as doenças mentais, pesquisas realizadas com o manicômio de Salvador. Nessas visitas ao candomblé ele conheceu mãe Carmen, mãe Estela e mãe Senhora. No seu ciclo de amizades

⁵⁵ Jornal da Bahia (28.12.1974, p. 01).

constavam pais e filhos de santo.

Essa miscelânea de informações, pessoas, histórias e imagens fizeram parte de sua produção artística, e para entender sua evolução pictórica e facilitar sua compreensão, partimos das fases atribuídas ao artista na exposição retrospectiva, organizado por João José Rescala em 1966, como parte das comemorações dos 20 anos da criação da Universidade da Bahia. Esta exposição realizada com a ajuda da família e de colecionadores particulares conseguiu reunir trabalhos de todas as fases do pintor, mostrando ao público o quanto versátil era Mendonça, podendo transitar por todas as temáticas artísticas. A qualidade de seus trabalhos é inegável independente do tema, mais foram em suas marinhas que ele obteve a glória artística.

Na exposição foram apresentadas as seguintes fases:

Fase Europa	
Descrição da obra	Dimensões em cm
1 Marinha Bretã	50 X 61
2 Lavadeiras de Pizzoferrato	41 X 50
3 Rochedo de Plumanach	40 X 32
1ª Fase baiana	
Descrição da obra	Dimensões
1 Água de Meninos	70 X 50
2 Velho portão de Itaparica	125 X 82
3 Velho portão de Itaparica	40 X 34
4 Mariscada (1º prêmio ALA)	125 X 82
5 Igreja de São Lourenço (Itaparica)	41 X 34
2ª Fase baiana	
Descrição da obra	Dimensões
1. Forte de Gamboa	33 X 41
2. Pôr do Sol (Forte Santa Maria)	100 X 78
3. Pescador solitário	40 X 30
4. Chegada de Barcos	105 X 70
5. Marinha	71 X 56
6. Maré Vazia	61 X 50
7. Volta da Pescaria	55 X 46
8. Manhã de Verão	72 X 60
9. Caieira da Ilhota	60 X 45
10. Volta da pesca	115 X 101
11. Mariscando	96 X 130
12. Amanhecer	120 X 90
13. Maré Vazia	65 X 55
14. Ilhota	60 X 50
Última fase	
Lavadeiras (Rio Cachoeira)	61 X 50

Aqui vemos a tela "manhã de verão" sendo apresentada como sendo da segunda fase baiana, contudo, segundo a sua filha é a última tela pintada por Mendonça. Ana Mendonça (LIMA, 2005) comenta que Mendonça já estava doente do rim e que ficou com os pés todo inchado, pois havia pintando uma manhã inteira. O mesmo ainda dizia: "se eu voltasse eu pintava outro". Acreditamos que o pintor fez mais de um trabalho nessa manhã, pois há outro quadro com a mesma configuração, inclusive, utilizando o mesmo barco, apenas em ângulo diferente. A tela é a "Mar Grande" apresentada no catálogo da FMCCP (1995, p.14). É bem comum encontrarmos várias telas que utilizam as mesmas posições de barcos.

Hélio Simões redige o texto de apresentação para o Catálogo da exposição de 1966:

Foi quando Mendonça chegou da Itália. A luz mediterrânea jorrou violenta, contraindo, assustadas, pupilas longamente acostumada às meias tintas. O pincel correu célebre desenhando diretamente contornos de figuras e paisagens, onde o não antecederia o carvão. O nosso sol, nossos verdes, nosso barro vermelho, nossas nuvens branquíssimas, nossos céus violentos, nossos mares bravios, derramaram-se nas telas. Não era o costume. Foi um escândalo. Falou-se em pirotecnia de foguetórios. Era apenas o temperamento nacional que explodia numa personalidade violenta [...]

Avancine (2006, p. 364) comentou que o mérito de Mendonça Filho "[...] foi o de ter absorvido com mais audácia as inovações recebidas na Europa para interpretar a sua paisagem local com pinceladas soltas e espessas e cores muito vivas [...]"

Além da grande exposição de 1932⁵⁶ (Salvador), Mendonça só realizaria outra individual em 1947. Apesar de ter realizado poucas individuais, quando se trata de exposições coletivas, encontramos diversos registros. De Salões a exposições coletivas, entre os anos 30, 40 e 50 sua participação era garantida.

Em 30 de julho de 1947⁵⁷, Mendonça partiu para São Paulo, passando pelo Rio de Janeiro⁵⁸ para tratar da sua segunda Exposição individual (Galeria Itá). Esta exposição foi inaugurada no dia 16.09.1947. A Galeria Itá funcionava na Rua Barão

⁵⁶ Mendonça também realizou uma exposição de caricatura nesse ano, segundo o jornal Diário de Notícias (06.07.1932, p. 01 e 03).

⁵⁷ A Tarde (29.07.1947, p. 02). A nota indicava que ele sairia no dia 30.07.1947.

⁵⁸ No dia 30.07.1947 entraram no porto de Salvador três navios: New Orleans, Muntinho e o Três de outubro segundo o jornal A Tarde de 30.07.1947, p. 02.

de Itapetininga nº. 70⁵⁹.

Nesta exposição foram apresentadas 50 obras. Esta informação é atestada pela nota do jornal⁶⁰, que chama a atenção para a viagem do artista: “Mendonça Filho vai expor em São Paulo”. Sobre sua viagem a São Paulo encontramos duas referências nos arquivos da EBA. Um ofício assinado por Mendonça no dia 30.07.1947, onde o mesmo foi “designado por esta escola, em missão de intercambio a cidade de São Paulo para promover exposição de pintura destinada a difusão dos conhecimentos da arte baiana”⁶¹ e um protocolo⁶² solicitando a Leopoldo Amaral, três meses de licença⁶³ com vencimentos a fim de tratar de interesses particulares, indicando para substituí-lo o professor Augusto Buck (Catedrático interino).

Segundo o catálogo da exposição (Anexo C), Mendonça Filho expôs as seguintes obras:

Tabela 1: Catálogo da Exposição individual (Galeria Itá)

Nº. do catálogo	Descrição da obra
01	Esperando a maré
02	Pescando
03	Mariscando
04	Volta da mariscada
05	Chegada do pescado
06	Pescadora de marisco
07	Volta ao lar
08	Impressão
09	Estaleiro
10	Consertando a rede
11	Maré vazia
12	Maré vazante
13	Quando a maré vasa
14	Maré cheia
15	Maré enchente
16	Manhã
17	Manhã cinzenta
18	Tarde
19	Tarde serena
20	Contra luz
21	Apanhando cascalho

⁵⁹ Folha da Manhã (19.09.1947, p. 06).

⁶⁰ Estado da Bahia (29.07.1947, p. 03).

⁶¹ AHEBA-UFBA. Caixa 222 envelope do professor Mendonça Filho. Ofício 30.07.1947.

⁶² Id. Caixa 222 envelope do professor Mendonça Filho. Protocolo nº. 158 de 01.08.1947.

⁶³ No Livro de Ata da congregação, 23.10.1947, encontramos a aprovação da licença do Professor Mendonça Filho por 90 dias, “por ter que ausentar-se desta capital em excursão artística ao Estado de São Paulo” e indicando para substituí-lo durante sua ausência o professor Augusto Buck.

22	Barco caieiro
23	Barco abandonado
24	Secando as velas
25	Velha caieira
26	Caieiras
27	Caieiras da Ilhota
28	Porto da Barra
29	Porto da preguiça
30	Praia da Ilhota
31	Praia do Jaburu
32	Dia de feira em Água de meninos
33	Igreja da Santíssima trindade
34	Igreja do queimado
35	Igreja da Sé (fachada lateral)
36	Rua colonial
37	Rua do carro
38	Ladeira do inferno
39	Bahia antiga
40	Lavadeiras
41	Caminho da fonte
42	Vale do Chame-chame
43	Dengosa
44	Roceira
45	Mãe de Santo
46	Cabeça de velho
47	Velho pescador
48	Cafusa
49	Obediência Convento de são Francisco
50	Interior do convento do Desterro

Fonte: Acervo da Família.

Em 20.09.1947, o artista concedeu uma entrevista ao Diário de São Paulo, “A posição da Bahia no movimento artístico brasileiro⁶⁴”. Nela, o artista comenta sobre a importância de Carlos Chiacchio⁶⁵ e sobre a criação dos Salões de Ala, segundo ele, uma velha aspiração dos artistas, que tinha como objetivo “promover as artes e incentivar o “aparecimento de valores”, permitindo que iniciantes e artistas consagrados apresentassem seus trabalhos em igualdade de condições”.

As amizades políticas sempre foram cativadas por Mendonça. Houve um fato interessante ocorrido durante uma das visitas do Coronel Juracy Magalhães a cidade de Salvador. Sabendo do interesse do Coronel pela pesca e pela pintura, Mendonça

⁶⁴ Esta entrevista foi apresentada ao público baiano através do Diário de Notícias, 21.09.1947, p.03.

⁶⁵ Segundo Mascarenhas (1979), “Carlo Chiacchio era filho de Jácome Rafael Chiacchio e de D. Patrícia Correia. Nasceu em 04 de julho de 1884, na cidade de Januária, Minas Gerais. Chegou em Salvador em 1895, matriculou-seno Colégio Spencer, transferindo-se para o Carneiro Ribeiro. A 21 de dezembro de 1910, foi-lhe conferido o grau de Doutor em Ciências Médicas e Cirúrgicas, pela Faculdade de Medicina da Bahia. Em 1916, casou-se com D. Maria Augusta Lopes Seixas, de quem estava viúvo ao falecer em 17 de julho de 1947”.

aproveitou o fato e enviou uma tela de presente⁶⁶. Em suas memórias, Juracy Magalhães lembrou o ocorrido:

Conto agora uma história que ilustra bem esse clima de camaradagem entre mim e os artistas. Eu gostava de pescar. Saía de barco com meu alfaiate italiano, que era bom de linha, em busca dos frutos do mar. Um amigo, o pinto Mendonça Filho, também afeito à pesca, costumava debochar de minhas habilidades dizendo que eu jamais fisgaria sequer uma sardinha. Certa vez, tendo conseguido apanhar dois vermelhos e duas guaricemas de bom tamanho, fui à sua casa oferta-lhe esses troféus como prova de minha destreza. Ele agradeceu e acreditou nos meus anzóis. Tempos depois, veio me visitar trazendo um presente. Era uma pintura sua, figurando os peixes de minha façanha. Disse-me em tom solene: Não é bom que o pescador fique sem o resultado de sua pescaria. Guardo, até hoje, esta prova de afeição do bom Mendonça (MAGALHÃES, 1982, p.26).

O apoio do Governador Juracy Magalhães também foi mencionado, por Mendonça em sua entrevista em São Paulo, inclusive, adquirindo telas, distribuindo prêmios e “projetando a construção de uma sede com pavilhões para exposições, conferências, etc”. Ele continua: “infelizmente os acontecimentos não permitiram a realização”. Em outro trecho, comentando sobre as dificuldades financeiras e o apoio de políticos baianos termina:

E se falharem as esperanças, poetas nascemos. Assim sendo, continuaremos, nós artistas baianos cada qual com suas possibilidades, trabalhando hoje como trabalharão amanhã, como trabalharam ontem os que nos procederam. E embora com os pés na lama, manteremos erguida a cabeça, olhando para a luz.

O Jornal A Tarde⁶⁷ informou aos baianos que “[...] notícias procedentes do sul dão conta do êxito obtido, em São Paulo, pelo consagrado pintor Mendonça Filho, com a exposição de grande número de telas de sua autoria na Galeria Ita”.

Mendonça Filho retornou a Salvador a bordo do Navio Pedro I no dia 08 de novembro de 1947⁶⁸.

⁶⁶ Esta informação pode ser comprovada por uma nota do jornal “Estado da Bahia” (05.11.1946, p.03) intitulado “dois pescadores: um pintor e o político”.

⁶⁷ A Tarde (23.09.1947, p. 02).

⁶⁸ Diário de Notícias (09.11.1947, p. 03).



Figura 55: Mendonça Filho. “Água de meninos”
 Fonte: Jornal “Folha da manhã”, 25.09.1947, p. 07.

Um ano depois, segundo Calderon (1974), Mendonça Filho retorna a São Paulo onde recebe a medalha de prata no Salão de Belas Artes de São Paulo com a tela “Pescador Juvêncio” (Figura 34). O primeiro lugar ficou para Presciliano Silva. Neste mesmo Salão, o conselho adquiriu a tela “Paisagem de Piracicaba” de autoria de Mendonça Filho.



Figura 564: Mendonça Filho – Pescador Juvêncio.
 Fonte: O Imparcial 05.10.41, p.6.

O Catálogo da FMCCP de 1995 apresentou outra pintura com esse título, e embora tenhamos encontrado esse jornal de 1941, não podemos afirmar qual das duas telas participou do Salão de Belas Artes de São Paulo. O que fica evidente quando

comparamos as duas telas é que não se trata do mesmo modelo.



Figura 575: Mendonça Filho – Pescador Juvêncio

Fonte: FMCCP 1995, p. 21.

Como informamos acima sua participação em coletivas foram muitas, e as informações podem ser verificadas no Catálogo FMCCP 1995⁶⁹. Nestas exposições fica evidente o reconhecimento que Mendonça Filho conseguiu perante o público e, sobretudo na crítica, chegando a receber várias medalhas. Sobre as exposições coletivas, Alves (1976) nos apresentou algumas.

4.1 MENDONÇA FILHO E OS SALÕES DE ALA

A Ala nasceu em 28.11.1936 em uma reunião no Salão nobre da Escola de Belas Artes, foram lidas e assinadas cartas, justificativas e comissões que criariam uma ALA das Letras e das Artes. Seu idealizador foi o poeta e escritor Carlos Chiacchio. “[...] não há artista ou escritor que tenha passado pelo porto sem ser objeto da larga e efusiva hospitalidade da ALA. Na sua secretaria – na sala 4 da Associação dos Empregados do Comercio [...]”.⁷⁰

⁶⁹ Em 1928: Exposizione de Gli Artisti Centro Sud americani Residenti in Itália (medalha de ouro); em 1937: Salão de ALA; em 1945: XIV Salão de Artes de São Paulo (medalha de prata com Pescador Juvêncio) e 1948: Hors Concours (Salão Baiano de Belas Artes).

⁷⁰ O Imparcial (25.09.1940, p.05).

O primeiro foi instalado na EBA e os subsequentes na Biblioteca Pública do Estado da Bahia, sempre na primavera. O Jornal “O Imparcial⁷¹” publicou artigo sobre o papel dessa agremiação na difusão e incentivos às artes na Bahia, pelo constante número de edições desde a fundação em 1936 e pela criatividade dos mesmos, além do papel do Salão anual nas “verdadeiras revelações do movimento artístico, sempre com o apoio do público, do Imparcial, figuras graduadas do governo e Órgãos da imprensa local e do País”. Segundo a Justificativa da ALA⁷² lida no Salão nobre, Carlos Chiacchio apresentou: “eu penso que as letras, as artes e as ciências podem ser chamadas a desempenhar um papel de alguma importância no fortalecimento da unidade brasileira [...]” entre outras coisas, “[...] a falta de humanidade que invadiu o mundo”.

Em outro trecho, Chiacchio completa o pensamento.

[...] Política de pensamento, antes de política do instinto, que está prefigurada nas sanções penais. Embala-me a ilusão de admitir que o homem, que não transgrida, pelo terror às penas, mas, por antipatia subconsciente ao mal. O ser abstrato, que prescindisse que das obrigações codificadas. Ou invocando-as, embora não se utilizasse delas, para iludir a verdade intuitiva das coisas. O Prometeu com asas nas costas ao invés do Prometeu de grilhões nos pés. Pensando assim, é que concebi a ideia da criação livre da ALA das Letras e das Artes”.

Entre os objetivos primeiro dessa agremiação estavam:

- A. Exposições, audições e publicações.
- B. Seleção e cultura.
- C. Educação e civismo.
- D. Movimento, nomenclatura e contabilidade.
- E. Inteligência, sentimento e integração.
- F. Valorização, controle e censura⁷³.
- G. Unir, agir e reagir.
- H. Bem, belo e bom.
- I. Ética, Estética e brasilidade.

⁷¹ Id. (20.09.1941, p. 05).

⁷² Esse texto foi encadernado e se encontra na biblioteca da Escola de Belas Artes sem maiores referências.

⁷³ Provavelmente, esse controle e censura entrou no sentido de valorizar a produção nacional, sentimento comum as discussões políticas e intelectuais desde a semana de arte moderna.

A fundação da “A.L.A”, proporcionou à Bahia culta esse grato ensejo. Sem as finalidades políticas da “bandeira” paulista que faz uma campanha americana em favor dos Fernão Dias Paes Leme sequiosos de poder, a “A.L.A”, formada por intelectuais e artistas, bandeirantes do sonho, tem uma autoridade mais respeitável e um mais nobre fim⁷⁴.

De ingênua, a proposta de Carlos Chiacchio não tinha nada e ao verificarmos como havia sido pensado e como estava sendo planejadas as ações da ALA, além da quantidade de intelectuais e políticos envolvidos com a causa, o que Carlos Chiacchio colocou em prática foi um fortalecimento das representações artísticas nunca antes imaginadas em solo baiano. Sob sua direção, Carlos Chiacchio deu a Bahia um momento impar na produção artística, trazendo um novo florescimento para as artes. Esse período, nós é apresentado sem a importância devida, talvez para que seja valorizado o momento que se seguiu, aonde a grande revolução das artes baianas viria a ser gerada, contudo, foi dentro dessa concepção da ALA que surgiram os salões ultramodernos e todas as possibilidades de manifestações críticas que favoreceram essas transformações.

A partir da reunião que aconteceu no Salão Nobre da Escola de Belas Artes, em 1936, foram criadas comissões que levariam a frente os ideais do grupo, ficando instituído um conselho normativo composto por Presciliano Silva (exposições); Raymundo Patury (audição); Mendonça Filho (movimento social e artístico); Hélio Simões (seleção e cultura); Roberto Correia (educação e civismo). No capítulo XVI das comissões de cultura, que tratava das “afirmações, gêneros e tendências”, ficaram responsáveis:

- Presciliano Silva – Interiorismo.
- Mendonça Filho – Impressionismo.
- Robespierre de Farias – Pintura de gênero.
- Emídio Magalhães - Pintura regionalista.
- Alfredo Araujo – Pintura de costumes.
- Raymundo Aguiar – Pintura humorística.

Os Salões de ALA figuravam como um espaço importante para os artistas baianos, inclusive movimentando o mercado de arte e dando oportunidade a artistas novos.

⁷⁴Diário da Bahia (15.04.1937, p. 02).

Mendonça Filho, além de fazer parte do conselho normativo, participou de todas as edições do Salão de ALA.

4.1.1 Primeiro Salão de ALA, 1937

Segundo o jornal “Diário da Bahia⁷⁵”, no primeiro Salão de Ala as telas de Mendonça Filho foram a grande surpresa da exposição. Além de expor como artista fez parte da organização, e diferente dos anos que se seguiram, esta exposição foi inaugurada em abril, no dia 14.04.1937. Os demais salões foram realizados na primavera, sempre após o dia 20 de setembro. Outros artistas participaram desta exposição, entre eles, Alberto Valença, Presciliano Silva, Pasquali De Chirico e Antonio Bandeira.



Figura 586: Abertura do Salão de 1937.
Fonte: Jornal O Imparcial, 08.08.1938, p. 04.

Entre as personalidades presentes, estavam o Governador do Estado da Bahia Juracy Magalhães, o chefe da Casa Militar Major Coelho, o Secretário da Fazenda Dr. Gileno Andrade e o poeta Carlos Chiacchio, demonstrando o quanto era prestigiado os eventos artísticos na capital baiana. Essa exposição teve seções de pintura, arquitetura e escultura.

Tabela 2: Relação de obras do Salão de 1937.

⁷⁵ Diário da Bahia (15.04.1937, p. 02).

Pintura	
Artistas	Quantidade de obras expostas
Mendonça Filho ⁷⁶	17
Pasquali De Chirico	03
Alfredo Araújo	06
Alberto Valença	04
Emídio Magalhães	08
Raimundo Aguiar	08
Presciliano Silva	09
Escultura	
Artistas	Quantidade de obras expostas
Pasquali De Chirico	03
Carlos Sepúlveda	01
Ismael de Barros	01
Arquitetura	
Artistas	Quantidade de obras expostas
Carlos Sepúlveda	01 projeto para teatro lírico
Manoel Bandeira	01 projeto para o Palácio do Congresso.

Fonte: Diário da Bahia (15.04.1937, p. 02).

4.1.2 Segundo Salão de ALA, 1938

Aconteceu na Escola de Belas Artes com abertura no dia 21.09.1938. O júri do II Salão foi composto por Adolfo E. Freire de Carvalho, Pasquali De Chirico, Presciliano Silva e Mendonça Filho, tendo Hélio Simões como presidente⁷⁷.

Sobre o Salão de 1938, J. Adeodato Filho⁷⁸ abordou sobre esforços dos artistas e intelectuais baianos “pela reconquista do prestígio entre os meios culturais do País”, do marasmo cultural que a Bahia vivia, sendo segundo o autor, “um ambiente pouco propício a realizações no domínio cultural”. O autor continua: “[...] no domínio das artes plásticas, Presciliano Silva, Mendonça Filho e mais um punhado de novos e antigos que não envelheceram [...], no mesmo pé de progresso cultural”.

Neste Salão⁷⁹, Mendonça Filho apresentou 26 telas, destas as marinhas:

⁷⁶ Entre suas obras apresentadas estavam “Espinheira em flor”, “Margens do Gongugy” e “Mar crespo”.

⁷⁷ O Imparcial (18.09.1938, p.05).

⁷⁸ Id. (22.10.1938, p.05).

⁷⁹ Id. (18.09.1938, p.05).

“Mariscada”, “Bordejão pela manhã”, “Primeiras luzes” e “Serenidade”. Constava também desta exposição à tela “Cabeça de velho⁸⁰”, “Barcos em repouso⁸¹”, “Alvorecer⁸²”, “Velho portão ao pôr do sol” e “Velho Mazet⁸³”.



Figura 597: Abertura do II Salão de ALA.
Fonte: Jornal “O Imparcial”, 21.09.1938, p. 05.

O Jornal “O Imparcial⁸⁴” estabeleceu um concurso entre os participantes para que a população escolhesse os dez melhores trabalhos do Salão, o melhor trabalho foi de Mendonça Filho, “Mariscada⁸⁵” que dentre os três mil opinantes, recebeu 1090 votos. Além deste trabalho Mendonça Filho teve mais 07 trabalhos entre os 10 melhores conforme tabela abaixo⁸⁶.

Tabela 3: Resultado do concurso de opinião popular no Salão de 1938.

Título da obra	Artista	Nº. de votos
Mariscada	Mendonça Filho	1090
Velho Portão	Mendonça Filho	1052
Alvorecer	Mendonça Filho	749
Primeiras Luzes	Mendonça Filho	463
Farol de Itapoan	Mendonça Filho	440

⁸⁰ Id. (15.08.1938, p.05).

⁸¹ Id. (24.10.1938, p.04).

⁸² Id. (12.12.1938, p.04).

⁸³ Id. (17.10.1938, p.04).

⁸⁴ Id. (27.09.1938, p.05).

⁸⁵ Id. (24.10.1938, p.04).

⁸⁶ Id. (30.10.1938, p.04).

Velho estaleiro de Itapagipe	Mendonça Filho	421
Bordejo pela manhã	Mendonça Filho	401
Velha Esperança	M ^a Célia Amado	380
Serenidade	Mendonça Filho	350
Da capela	Alberto Valença	331

Fonte: O Imparcial (30.10.1938, p.04).

Possivelmente a tela “Ilhota” da exposição de 1932 também participou deste salão. Encontramos uma poesia de Lydio dos Santos realizada para o Salão⁸⁷:

Manhã calma de luz, verão glorioso!
 Coqueiros escutando a voz do mar!
 E sob o azul de um céu claro formoso
 Nuvens brancas, sorrindo a velejar.
 É a praia da Ilhota que convida
 Para a emoção de um sonho encantador!
 Expurgando as tristezas desta vida
 No clarim da alegria... a voz do amor.

4.1.3 Terceiro Salão de ALA, 1939

Entre as pinturas que Mendonça Filho apresentou no III Salão de ALA estavam as seguintes marinhas⁸⁸:

Tabela 4: Obras apresentadas no 3º Salão de ALA, 1939.

Nº. no Catálogo.	Título da obra
15	Manhã na foz do Jaguaripe
16	Anoitecer na foz de Jaguaripe
17	Foz do Jaguaripe
19	Barco encalhado – Mar Grande
20	Mar grosso – Barra
21	Casebre – Coqueiros do Farol
25	Sombra e luz – Mar Grande
26	Crepúsculo – Barra
27	Por do sol – Forte de Santa Maria
28	Dunas – Boca do Rio
29	Casario – Gamboa
30	Estaleiro de Gamboa – Mar Grande
31	Barco abandonado- Itapagipe
32	Caieiras em ruína – Mar Grande
33	Boca do Rio
34	Entardecer – Boca do Rio

OBS: A tela - Sala do Capítulo – Convento São Francisco nº. 35,

⁸⁷ Id. (30.10.1938 p.04).

⁸⁸ Id. (27.09.1939, p.01).

também fazia parte da exposição.

Fonte: O Imparcial (27.09.1939, p.01).

Neste Salão o pintor e arquiteto Diógenes Rebouças apresentou 11 telas com temática marinha. São elas: “Porto do Mercado”, “Chegada de barcos”, “Marinha Boca do Rio”, “Santo Antônio dos Velásquez”, “Arrastão”, “Forte de Monte Serrat”, “Igreja da Penha”, “A espera do mar”, “Caieiras e Caieiras da Ilhota”. Percebam que alguns dos temas de Diógenes Rebouças, coincide com os temas de Mendonça Filho constatando que dentro da Escola de Belas Artes, havia um grupo que faziam excursão para pintar.



Figura 608: Mendonça Filho. Foz do Jaguaripe.

Fonte: Jornal O Imparcial (27.09.1939, p. 01).

No “Jornal de Ala” de 27.09.1939 p.01, a tela “Foz do Jaguaripe” de autoria de Mendonça Filho, aparece em destaque. O poeta Joaquim Manso escreveu sobre ela.

Na curva do caminho, a terra verdejante entreabre-se para dar passagem ao rio, que corre torcicolando sob um céu azul, por entre os coqueirais. Os olhos fitam extasiados os panoramas que desperta na alma do artista a inspiração para belíssimas telas como esta manhã de setembro. Conhecemos a paisagem. Dali, já apreciamos as ru'tilas madrugadas. Majestosa, a natureza, com sua graça imensa, ostenta maravilhosos aspectos. Esta luz, este céu, estas águas, como que se fundem numa só harmonia perfeita. Pedras repontam nas águas. A praia, descreve longos traçados á orla do mar, que se distancia em infinitos tons ultramarinos. Margens férteis, ali a paisagem vibra, a atmosfera nos deslumbra, em seus valores de esmeralda e ouro. A água treme, lampeja, espelha, á luz ardente do sol, que destaca os contornos com extremo vigor, entre cores e sombra. Refletem-se, longos, na areia úmida, os leques espalmos dos coqueiros, espreguiçando as sombras pelo chão... Rio Jaguaripe, murmuroso e descuidado, como estás perfeitamente vivido na tela soberba de Mendonça Filho.

4.1.4 Quarto Salão de ALA, 1940

Nessa exposição inaugurada em 21 de setembro de 1940, alguns trabalhos apresentados foram desenvolvidos dentro as excursões comentadas anteriormente. O jornal de ALA publicado ao final deste ano apresentava em destaque a tela “Praia de Gamboa” de Raimundo Aguiar que tem composição parecida com a tela “Saveiro na praia” de Mendonça Filho (FMCCP, 1955, p. 22), só que de outro ângulo. O jornal “O Imparcial”⁸⁹ comprova as excursões realizadas pelos artistas da EBA.

Diógenes Rebouças também participou com algumas aquarelas. Ernani de Menezes elogiou muito seus trabalhos sobre a “vida humilde e rústica dos pescadores e os encantos de nossas praias”⁹⁰. Sobre a aquarela “ontem e hoje” de Diógenes Rebouças escreveram:

Essa aquarela, tal como a sentimos não é apenas uma cena vulgar da vida dos pescadores. É muito mais. É um poema sereno e doloroso, talvez nem fosse essa a intenção do autor, mas o quadro sugere um mundo de sentimentos entre mestrando, e isto é o principal, o ciclo eterno dessa eterna luta pela vida [...] ⁹¹.

Outra informação importante é a quantidade de marinhas que participou desse Salão. José César Borba sobre a multiplicidade dos quadros expostos informou que além de tantos outros temas [...]. São, sobretudo, poderosos de força humana e de poesia aqueles trabalhos em que o mar enche todos os recantos das telas, múltiplos de assuntos e de caráter local. O mar dos crepúsculos e das vazantes; o sol morrendo nas nuvens altas e negras; o mar das tempestades do sul, acelerando o recolhimento dos barcos; o mar dos meninos pescadores e dos navios velhos; dos diques, das costuras de rede, das manhãs no porto.

No jornal de ALA, Ano II⁹² encontramos uma fotografia de um trabalho desenvolvido por Raimundo Aguiar para o salão do mesmo ano. A tela apresenta 3 pescadores concentrados em suas rotinas diárias. Acompanhando a fotografia dessa pintura, um

⁸⁹ Id. (11.09.1940, p. 05).

⁹⁰ Id. (25.09.1940, p. 50).

⁹¹ Id. (22.09.1940, p. 05).

⁹² Jornal de Ala, ano II, nº. 4, 1940, p. 92.

poema de Hélio Simões:

O velho Antônio de óculos de arame
 Lia e remende uma tarrafa velha
 Cabeças no joelho, chapelão de palha,
 Chegam-se uns pescadores:
 Eh, bom dia
 Deus dê bom dia a todos
 Muito peixe?



Figura 619: Abertura do IV Salão.

Fonte: O Imparcial (25.09.40 p.05).

No artigo intitulado “Nómina dos expositores⁹³” havia o seguinte comentário:

[...] Os nossos encontros, pois, não têm a estrutura dos juízos supremos, nem o caráter de irrevogabilidade dos dogmas, senão o calor espontâneo da amizade e da justiça, as únicas inspiradoras dos movimentos de louvor e de entusiasmo às personagens e obras eleitas da nossa simpatia e do nosso conceito.

Apesar a integridade dos artistas acadêmicos, percebe-se através de alguns comentários manifestados em jornais que os artistas mais antigos da EBA, não viam com bons olhos as inovações “modernas”.

4.1.5 Quinto Salão de ALA, 1941

Como nos outros salões de ALA, aconteceu na primavera e teve sua abertura na Biblioteca Pública do Estado, com a presença do Interventor Federal Landolfo Alves;

⁹³ Ibid.

do Cap. José Augusto Fernandes e do Secretário do Interior, Sr. Lafaiete Ponder⁹⁴. O Salão funcionou entre os dias 21 de setembro a 21 de outubro com cinco sessões: Pintura, escultura, guaches, aquarelas e desenhos⁹⁵, com a participação de 18 expositores entre velhos e novos, totalizando 150 trabalhos expostos. Mendonça Filho participou com 17 telas⁹⁶, entre elas “pescador Juvêncio”⁹⁷. Em relação aos anos passados, o Salão foi o “mais numeroso”.



Figura 6210: Aspecto do V Salão de ALA.
Fonte: A Tarde (27.09.1941.p.02).

⁹⁴ A Tarde (27.09.1941, p. 02).

⁹⁵ O Imparcial (24.09.1941, p.05).

⁹⁶ Id. (28.09.1941, p.10).

⁹⁷ Id. (05.09.1941, p. 06).



Figura 6311: Mendonça Filho. “Casa de Subemba”. OSM 31 X 41 cm. OSM 31 X 41 cm.

Fonte: Catálogo de Leilão R. Alban, 2002 p.03.

Entre as telas vendidas, estava uma das obras de Mendonça Filho.

Tabela 5: Relação das obras vendidas no V Salão de ALA.

Nº. catálogo	Descrição da obra	Nome do Artista	Comprador
91	Água de meninos	Diógenes Rebouças	Antonio Leone
95	Pituba	Diógenes Rebouças	Aristides Novis
96	Fim de tarde	Diógenes Rebouças	Aristides Novis
98	Porto de Gamboa	Diógenes Rebouças	Adolfo Wildberger
100	Pituba	Diógenes Rebouças	Dr. Portela Lima
106	Baiano	Miguel Colombreiro	Cap. Oscar
107	Baiano	Miguel Colombreiro	Prof. da Universidade Americana
108	Baiano	Miguel Colombreiro	Antonio Leone
111	Baiano	Miguel Colombreiro	Dr. Nobre de Lacerda
122	A velha Sé	Raimundo Aguiar	Antonio Leone
24	A casa de Subemba	Mendonça Filho	Dr. Portela Lima
27	Serenidade Mar-Grande	Raimundo Aguiar	Dr. Portela Lima
29	Altar de Nossa Senhora	Raimundo Aguiar	Eng° Severo de Albuquerque
37	Sombra e Luz	Raimundo Aguiar	Dr. João de Souza
39	Baronesa	Raimundo Aguiar	Dr. Freire de Carvalho
42	Mucambos	Raimundo Aguiar	Dr. Jaime Leoni
74	Pátio abandonado, Beco da California	Jaime Hora	Dr. Heitor Froes
81	Sombra na estrada	Jaime Hora	Dr. Joaquim Guedes
69	Velha Caieira	Newton Silva	Miguel Santos

Fonte: O Imparcial (06.09.1941, p.06).

No jornal “O Imparcial”⁹⁸, encontramos referência sobre mais duas telas de Mendonça Filho: a já citada “Casa de Subemba” e “Maré vazia”. Waldemar Matos, se referindo ao Salão assinalou “[...] mais um dos seus objetivos, cuja significação é grande, para o desenvolvimento da pintura entre nós. [...]”. O autor confirma a quantidade de trabalhos expostos e acrescenta “[...] quase todos os pintores que nessa exposição vêm tomando parte, tem saído da Escola de Belas Artes [...] são os primeiros cultores e enamorados da terceira fase da pintura baiana, em pleno florescimento, que se reafirmaram pelos Salões de ALA”.

[...] convém adiantar que este ano, a concorrência ao Salão é das mais seletas e numerosas. Sobretudo Mendonça Filho, uma coluna mestra do Salão baiano, pintor consagrado por mostras reiteradas de talento e de atividade criadoras admiráveis. A par de Mendonça que sempre timbrou em manter íntegro, vivo e eficaz, o salão, outros de não menos envergadura artística, compareceram, como os apreciados mestres Pasquali De Chirico, Alberto Valença, Diógenes Rebouças, Raimundo Aguiar, Ismael de Barros, Alfredo Araújo, Célia Amado, Olga Pereira e Colette Pujol [...]⁹⁹

O jornal “O Imparcial”¹⁰⁰ se referiu a uma matéria¹⁰¹ que chamava a atenção para a “queda de prestígio em alguns campos da atividade intelectual e como este Salão ia de encontro a essa tendência”.

[...] V Salão de Ala, é como quem diz cinco anos de fidelidade tenaz aos nossos propósitos educativos do gosto público. Este, por mercê da espontaneidade dos sentimentos humanos de justiça nos tem acudido com frequência inumerável de suas visitas. Média de 6.000 assinaturas cada ano, verificáveis pelos livros de visitantes do Salão [...] devemos proclamar o apoio estimulativo do senhor interventor federal Landulfo Alves¹⁰².

4.1.6 Sexto Salão de ALA 1942

Entre as telas identificadas de Mendonça Filho neste Salão estavam “madrugada e entardecer (ALVES, 1976, p.115)” e “Manhã de inverno”¹⁰³. Alves (1976 p.115) informa que Mendonça Filho apresentou 11 telas, entre elas “barco abandonado”,

⁹⁸ Id. (03.09.1941, p.07).

⁹⁹ Ibid.

¹⁰⁰ Id. (22.10.1941, p.07).

¹⁰¹ A Tarde (23.09.1941, p.03).

¹⁰² O Imparcial (18.09.1941, p. 01).

¹⁰³ Id. (09.10.1942, p.09).

“bordejando”, “maré vazia”, “contra luz” (cenários de mar grande).

Abaixo, algumas telas adquiridas no Salão:

Descrição da Obra	Artista	Comprador
Manhã de inverno	Mendonça Filho	Gilberto Almeida
Igreja de São Francisco	Raimundo Aguiar	Manoel Joaquim
Sala do Capitulo	Newton Silva	Armando Joaquim
Casario	Jaime Hora	Ivo Soveral
Interna	Alberto Valença	Manoel Joaquim

Quadro 4: Telas vendidas no VI Salão de ALA.

Fonte: O Imparcial (09.10.1942 p. 09).

Além do Quadro acima, o jornal traz referências sobre um abaixo assinado desenvolvido e assinado por todos os integrantes do ALA apelando aos artistas do Rio de Janeiro, em virtude da indefinição da escolha da “menção honrosa” para o Salão Nacional de Belas Artes. Acontece que existia uma exigência imposta ao Salão desde 1939, onde o mais votado para a menção deveria ter 2/3 dos votos, o que não acontecia desde 1940, e que acabava por prejudicar Presciliano Silva que era sempre mais votado mais não alcançava a porcentagem exigida.

4.1.7 Sétimo Salão de ALA 1943

O endereço da sede do ALA era na Rua Juliano Moreira nº. 21¹⁰⁴. Além dessa informação o jornal informava que logo após o termino do Salão, iria acontecer uma retrospectiva individual de Pasquali De Chirico, realizada por amigos do “saudosos escultor, cujo nome estava ligado à Bahia monumental”.

Os professores da EBA eram sempre muito elogiados:

Magníficos trabalhos de pintura a óleo, aquarelas e desenhos apresentando um notável conjunto, podem ser apreciados pelo publico, já habituado, alias, a admirar as telas primorosas de Presciliano, Mendonça Filho, Valença, Aguiar, Oséas Santos e artistas outros de méritos indiscutíveis¹⁰⁵.

Alem dos artistas citados participaram do salão: Carlos Alberto, C. Brussel, Colette,

¹⁰⁴ Id. (12.09.1943, p. 03).

¹⁰⁵ Id. (22.09.1943 p. 01).

Pujol, Jayme Hora, Abraão Kominsky, Olga Pereira, Ivan Climá, Lucien Carneau¹⁰⁶, Helio Duarte, J. Teles, José Paulino, Octávio Torres, Alberto Brim, Jair Brandão e T. Dias.

Magníficos trabalhos a óleo, aquarelas e desenhos apresentando um notável conjunto, podem ser apreciados pelo público, já habituado, alias, a admira as telas primorosas de Presciliano Silva, Mendonça Filho, Valença, Aguiar, Oséas Santos e artistas outros de mérito indiscutíveis¹⁰⁷.

4.1.8 Oitavo Salão de ALA, 1944

Foi salientado mais uma vez o sucesso obtido pela iniciativa da ALA e pela participação de artistas baianos novos e antigos¹⁰⁸.

Mendonça Filho participou com as telas “Autorretrato”, “Chegada do Calão” (Baiacú), “Marinha”, duas telas com o título “Esperando o peixe” (Baiacú), “chegando o peixe” (Baiacú), “Igreja de Nossa Senhora de Vera Cruz”, “Paisagem”, “Pescando” (Mar Grande), “Viajando”, “Para o Mar Grande”, “Dia de verão” (Mar Grande), “Maré de enchente”, “Maré vazia”, “Consertando o barco” e “Empurrando a canoa”¹⁰⁹.

Raimundo de Aguiar mais uma vez apresentou telas pintadas nos mesmos locais que Mendonça Filho: “Praia da Ilhota”, “Igreja de Nossa Senhora de Vera Cruz”, “Cruzeiro de Baiacú” e “Palhoças - Barra do Gil”. Nesse Salão Diógenes Rebouças apresentou 03 marinhas.

Mestre Mendonça, o genial artista das marinhas oferece-nos 12 trabalhos maravilhosos. Ah! Aquele “chegada do Calão”, aquele “pescando”! Quadros para serem admirados [...] inesgotável esse poeta do pincel. Em cada trabalho arranca o sentimento da natureza para pô-lo, intacto, nas suas telas. Grandes quadros de um grande artista (CROESY, 1944, apud SCALDAFERRI, 1997, p. 64).

¹⁰⁶ Ex-cônsul da França segundo o jornal Diário da Tarde, Ilhéus (24.01.1931, p.06).

¹⁰⁷ O Imparcial (22.09.1943 p.01).

¹⁰⁸ Id. (20.09.1944, p.05).

¹⁰⁹ Suplemento dominical do Jornal “Diário da Bahia” (01.10.1944, p.03).

Croesy ainda comenta que nesta exposição havia mais dois pintores paisagistas: José Albuquerque Lins (com “água tranquila”) e Jayme Hora¹¹⁰ que o autor considerou um “artista novo e de muito futuro” [...] “Nota-se, porém, muito aprumo nos seus trabalhos. Com o gosto e o talento que tem, irá longe”.



Figura 6412: Jayme Hora. “Saveiros”, OSM, 81 X 100 cm. Década de 1940.
 Fonte: Catálogo de Leilão Galeria Paulo Darzé, 2004, fig. 38.

Trata-se de Jaime Ferreira da Hora (26.10.1911 – 01.04.1977)¹¹¹. Nas décadas seguintes Jayme Hora produziu muitas telas, principalmente casarios e marinha, e foi com toda a certeza um dos grandes paisagistas baianos do século XX. Essa afirmação pode ser confirmada através dos jornais da época e pela grande quantidade de obras identificadas nos diversos catálogos de leilões atuais.

Nesse salão, Mendonça Filho apresentou a tela “Foz do Jaguaripe” (Figura 63) com outro título, “Sombra de coqueiro”, segundo o Jornal de ALA, (Setembro de 1944, p.17).

¹¹⁰ Jayme Ferreira da Hora fez as disciplinas dos cursos livres da Escola de Belas Artes, segundo AHEBA/UFBA, Caixa 215, classificador do aluno.

¹¹¹ Catálogo de Artes Plásticas Brasil (1998, p.426).

4.1.9 Nono Salão de ALA, 1945

Poucos comentários encontrados no ano de 1945. Os jornais traziam muitas informações sobre a 2ª Guerra mundial, fato de maior importância, contudo o salão ocorreu como nos anos anteriores.

Para este fato de grande significação social educativa estão voltadas todas as expectativas do melhor êxito, dados os elementos concorrentes, que são representativos de valores consagrados e novas entidades de escola do nosso meio artístico¹¹².

Em um recorte de jornal de Outubro de 1945, guardado pela família, um artigo intitulado “IX Salão de ALA, Êxito crescente”, nos é apresentado um poema que Rafael Carvalho escreveu no livro de visitantes sobre a tela “Manhã” de Mendonça Filho:

Esplendido clarão, longícuo, as nuvens cora.
 Pedacos fulvos de ouro em flóculos flamantes.
 Só tem cintilações o mar. Só luz, a aurora.
 As curvas do horizonte alongam-se distantes...
 Vão côncavas n'água vão deslizando coleantes...
 Tem ouro e prata o céu e tons agonizantes
 A névoa que desmaia, ao longe agora...
 Sinfonia de luz. Orquestração de cores.
 É música, ou pintura, a tela? E dos labores
 Do gênio, ali, há Deus em luz por toda a parte...
 Indiferente à glória, o verdadeiro artista
 Procura a natureza e ao longe espraia a vista,
 Criando sobre a tela – a vida – em formas d'Arte.
 Rafael Carvalho Outubro de 1945, p.11

4.1.10 Décimo Salão de ALA, 1946

Em 1946, após a implantação da Universidade da Bahia, uma das maiores aspirações do ensino na Bahia, as notícias dos jornais evidenciaram esse fato. As informações sobre o Salão foram mínimas.

A inauguração contou com II trabalhos de Mendonça Filho, entre eles: “Volta da pesca”, “Consertando a rede”, “Barco encalhado”, “Contra luz” (ALVES, 1976, p.115). Seus quadros “cada vez mais aperfeiçoado, vibrante em cores¹¹³”.

¹¹² O Imparcial (12.09.1945 p.05).

¹¹³ Id. (13.10.1946, p. 02).

[...] Ala das Letras e das Artes completa o seu decênio realizando mais uma exposição de alto valor artístico, e apresentando de par com antigos e consagrados artistas, um grupo de novos que se afirmam com o maior brilho, o que vale realçar o triunfo sempre crescente da brilhante organização e a operosidade do escritor Carlos Chiacchio, seu fundador dirigente¹¹⁴.

4.1.11 Décimo Primeiro Salão de ALA, 1947

No dia 17.07.1947 o mundo perdeu Carlos Chiacchio, consumido por uma profunda depressão após a morte de sua amada Augusta. Em seu enterro estiveram presentes o Governador do Estado da Bahia, Prefeito, Secretários de Estado, membros do Conselho Universitário além de outras autoridades, amigos e fãs¹¹⁵.

Logo após a morte de Carlos Chiacchio, Mendonça viaja para São Paulo. Ao ser entrevistado sobre a situação das artes na Bahia abre seus comentários com a seguinte declaração:

Quero inicialmente prestar uma pálida homenagem à memória de uma grande figura de intelectual. Falar sobre o movimento artístico da Bahia sem falar o nome de Carlos Chiacchio seria grande injustiça. Não é porem, nosso propósito estudar aqui, as múltiplas facetas do seu dinamismo intelectual. Bosquejaremos, apenas, essa personalidade de esteta e de lutador invulgar. Como professor ou poeta, crítico ou jornalista, tribuno ou panfletário, foi sempre um temperamento transbordante de entusiasmo por tudo quanto é belo¹¹⁶.

Segundo o artista, A ALA das letras e das artes agitou a “pacata e conservadora” Bahia, sendo o objetivo maior de Chiacchio, a educação, facultando oportunidades para os novos. Sempre recebeu o apoio moral de todas as camadas da sociedade. Governadores e Interventores deram apoio político e financeiro para a realização dos salões. Mendonça Filho termina afirmando que Carlos Chiacchio “foi sempre um facho de luz: iluminou!”.

Nesse salão, Mendonça apresentou dois quadros: “Água de meninos” e “Mar Grande”. Acreditamos que a tela mencionada por Alves (1976, p. 115) seja a mesma que está no MAB.

¹¹⁴ Id. (13.10.1946, p. 02).

¹¹⁵ Diário de Notícias (18.07.1947, p. 02 e 03).

¹¹⁶ Id. (21.09.1947, p.03).

4.1.12 Décimo Segundo Salão de ALA, 1948

Inaugurado em 21 de setembro de 1948, o XII Salão de ALA, o segundo sem a presença de Carlos Chiacchio, “aconteceu com a mesma vibração e o mesmo entusiasmo dos anos anteriores” segundo o jornal “A Tarde”¹¹⁷ do mesmo dia contou com a participação dos seguintes artistas: Presciliano Silva, Mendonça Filho, Alberto Valença, Raimundo Aguiar, Zulmira Moscoso, Abrahão Kosminsk, T. Dias, Gerhard Suerdleck, Genaro de Carvalho, Carlos Brusell, J. Teixeira, Miguel Calombreiro, Marcelo Duarte, Valentin Lebedeft, Gomel Santana, Nícia Maria, Jayme Hora, Pereira Carrera, Hélio Aguiar, Octávio Torres, E. Matos, Hilda Campos. Na secção de escultura participaram os artistas Ismael, Alfredo Olliani (São Paulo), Otávio Torres e Jair Brandão.

Com a morte de Carlos Chiacchio o grupo não conseguiu dar continuidade aos jornais de Ala e quanto aos salões, não mais aconteceram. Durante mais de uma década, os Salões de Ala figuraram como um elo indissociável entre poetas, jornalistas e artistas, uma grande perda para a cultura baiana.

Para a história, os salões ficaram vinculados à uma arte ultrapassada e retrograda. Alguém haverá de se debruçar em cima do período com a responsabilidade de relevar para as gerações futuras a importância daquele grupo de intelectuais para a cultura baiana.

Se por um lado, havia a exaltação de alguns artistas ligados a essa arte tradicional, digo tradicional, pois não eram mais acadêmicos, por outro, favoreceu e fomentou toda a discussão intelectual sobre as artes plásticas, patrimônio, literatura, poesia e ciências aplicadas, estando inteiramente inseridos em um ideário modernistas pela valorização do nacional. O grupo que fundou a ALA lutou pelas artes baianas e pela cultura brasileira. Foi um farol a iluminar os olhos vedados de uma comunidade adormecida.

¹¹⁷ A Tarde (21.09.1948, p. 01).